

JOSÉ MARIA ALVES

2015

<http://www.josemariaalves.blogspot.pt/>

http://www.homeoesp.org/livros_online.html

O MISTICISMO CRISTÃO

SANTA TERESA DE ÁVILA – O CASTELO INTERIOR

**S. JOÃO DA CRUZ – CÂNTICO ESPIRITUAL – POESIA
COMPLETA**



*Ao meu falecido pai, Homem piedoso e justo, e ao meu mentor espiritual da
infância e da adolescência, Pe. António de Matos.*

É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca...

- D. Hélder Câmara

Na celebração do V centenário do nascimento de Santa Teresa de Ávila (1515-2015)

O MISTICISMO CRISTÃO

Pelo misticismo o Homem busca alcançar uma realidade suprema, tendo como fim último a união com Deus. Dispõe-se afectiva e intelectualmente, por intermédio da oração, da contemplação, da reclusão ou ascetismo, pelo despojamento das coisas do mundo e pelo amor, a concretizar o "matrimónio" da sua alma com a do *Altíssimo*.

Numa primeira abordagem, dir-se-á que pode assumir características de libertação – *no budismo* –, de identificação – *hinduísmo e neoplatonismo* –, e teístas – *judaísmo, cristianismo e islamismo*.

A tradição mística cristã é de uma riqueza incontestável.

Como advogam Mircea Eliade e Ioan P. Couliano, o misticismo cristão abrange praticamente todos os *métodos*

conhecidos. Nesta perspectiva, o estudo dos místicos das várias Igrejas, nomeadamente da Católica e da Ortodoxa, será de grande proveito aos que prosseguem a vereda da espiritualidade, sem prejuízo das adaptações que façam como consequência das suas próprias crenças ou objectivos.

Vamos encontrar *métodos* similares na espiritualidade hindu, no vedanta, no ioga samkhya, no tauismo chinês, no budismo Mahayana, entre outros.

Paulo, já esboça os primeiros elementos místicos do cristianismo, quando aspira veementemente a uma relação directa e imediata com Cristo, o Filho de Deus.

Em regra, a experiência mística tende para a união com Deus, no esquecimento do corpo e das "coisas" do mundo, sendo uma vivência da religiosidade individual. Pela experiência mística-religiosa, Deus é encontrado no coração de cada um, no próprio interior purificado do místico.

Hans Kung refere que a autêntica mística, não se circunscrevendo ao cristianismo, "comporta a experiência de unidade da minha pessoa com a realidade omnímota, última ou suprema, com o Absoluto, entendido como Deus, Brama, darma ou nirvana – *Aquilo em que creio*.

Karl Rahner escreveu que "o cristão do futuro será um místico ou não será" – *Schriften zur Theologie, XVI, 1980*. Esta expressão deverá ser entendida *cum grano salis*, sob pena de desmotivar intenções e afastar ideologicamente da religião cristã um conjunto de crentes alheados de uma espiritualidade exigente, mas que perseguem os ideais éticos do cristianismo. Já não nos referimos, aos

denominados *cristãos-ateus-práticos*, que vivem tão afastados e esquecidos de Jesus que na sua existência e a cada passo agem como se Ele não existisse. Daí a famosa frase de Gandhi: "Amo o cristianismo, mas odeio os cristãos, pois não vivem segundo os ensinamentos de Cristo".

Orígenes, dá-nos inicialmente o quadro interpretativo de uma tal experiência.

Terá nascido no ano 185 ou 186, em Alexandria, e morreu mártir com 69 anos de idade. Foi tal como Plotino, discípulo de Ammonius Saccas, que é considerado por muitos o verdadeiro fundador do neoplatonismo.

No ano de 230 é ordenado, para no ano seguinte ser excomungado.

Castrou-se voluntariamente, numa interpretação literal do texto evangélico, não obstante a condenação da Igreja de tal interpretação.

Talvez tenha sido Orígenes o primeiro filósofo a empregar a palavra *misticismo* para traduzir o conhecimento directo de Deus.

Segundo ele, não há ser que não possa obter a salvação, inclusivamente Satanás.

Recusa a doutrina da ressurreição da carne.

Foi condenado por via de quatro heresias:

- a doutrina da preexistência das almas – *vide Platão*;
- que Cristo já detinha antes da encarnação a natureza humana;
- após a ressurreição, os corpos não serão mais materiais, mas integralmente etéreos;
- todos podem atingir a salvação, inclusivamente o Diabo.

Dionísio, o Aeropagita, foi convertido ao cristianismo, e foi discípulo do Apóstolo (por vocação) Paulo. Persevera no carácter imperceptível de Deus, daí poder ser denominado *teólogo negativo* ou *apofântico*.

No entanto, segundo Nicola Abbagnano, “Pelos princípios do século VI começam a ser conhecidos e citados alguns escritos cujo autor se qualifica como Dionísio, aquele que, segundo os Actos dos Apóstolos (XVII, 34), foi convertido ao cristianismo pela prédica do apóstolo Paulo diante do Aerópago. Motivos internos e externos demonstram que tais escritos não podem remontar para lá do fim do século V e que, portanto, a sua atribuição a Dionísio é impossível. Na verdade, a fonte principal destes escritos é o neoplatónico Proclo (418-485)”.

Com ele é fundada uma nova feição de misticismo, que sem deixar de ser extática, se assemelha à mística do “vazio” existente no Budismo – *dele procede o conceito de Teologia Mística*.

Mestre Eckart, fundador da mística alemã, nasceu por volta de 1260, em Hochheim, pertenceu à ordem dominicana. Em 1326 foi-lhe instaurado um processo por heresia, tendo-se retratado das suas doutrinas antes de falecer em 1327.

A sua obra concentra-se na fé, visando constituir a unidade essencial entre o homem e Deus. Serve-se da teologia negativa do Aeropagita, tal como Escoto Erígena o havia feito – *Deus não tem nome, já que não há quem o possa entender*.

Diz-nos que é absolutamente necessário aprofundar o nosso relacionamento com Deus, buscando-o na parte central da alma, onde Ele se nos revela como divino, na sua natureza e verdadeira essência. Aqui, dá-se a união entre a alma e Deus, alma que não se anula – *o homem é Deus por graça, e Deus é Deus por natureza*.

João Tauler (1300-1361), tal como Henrique Suso, foram discípulos de Eckart.

As obras do Carmelita João da Cruz (1542-1591), inspiradas na mística extática de Teresa de Ávila (1515-1582), têm também origem no modo teológico negativo.

Michel Meslin, *L'Expérience humaine du Divin*, ensina que é praticamente impossível separar o misticismo do amor pelo misticismo do "vazio". Vazio, que inúmeras vezes nos surge como uma fase no caminho da união, e que pode ser comparado à "noite escura" – v.g. S. João da Cruz.

Podemos também falar de um *misticismo especulativo*, que desagrega e faz progredir os estádios da experiência mística, patente na obra de João Clímaco (séc. VII), autor de *L'Échelle (Klimax) du Paradis* – obra onde alvitra uma *graduação da experiência mística em 30 etapas* – e na do místico Franciscano, Boaventura de Bagnoreggio (1221-1274), autor de *L'Itinerarium mentis in Deum*.

Foi influenciado por Santo Anselmo, tendo feito "renascer" o argumento ontológico demonstrativo da existência de Deus.

Para S. Boaventura, a fé é superior à ciência. Pela fé atinge-se a verdade, enquanto que a ciência se limita a aniquilar a dúvida.

Considera que a alma que se conhece a si mesma, conhece Deus, sem que haja auxílio ou intervenção dos sentidos. Deus é a origem de tudo, realizando a criação a partir do nada.

A alma, criação de Deus, entidade que anima o corpo – *doutrina platónica* –, é substância espiritual distinta deste, e como tal não está sujeita à corrupção e é imortal, tendo por fim último alcançar a beatitude no seio do Ser supremo.

O *êxtase* é a união do homem com o seu criador, estado em que participa da sua essência.

Debrucemo-nos agora em S. Tomás de Aquino (1225-1274), no nosso entender o maior dos filósofos escolásticos.

S. Tomás foi desde sempre um filósofo que recebeu os maiores méritos e reconhecimentos da Igreja. Foi canonizado pelo papa João XXII no ano de 1323. Durante as sessões do Concílio de Trento, a sua fama de teólogo universal, fez com que a *Suma Teológica* fosse colocada no altar, lado a lado com a Bíblia. S. Pio V proclamou-o em 1567 Doutor da Igreja, e as suas obras eram as aprovadas por praticamente todas as universidades teológicas – *católicas*. Em 1879, o papa Leão XIII, na encíclica *Aeterni Patris*, exaltou os méritos do teólogo, propondo-o como inspirador da teologia a ensinar em todas e quaisquer instituições do mundo católico, considerando-se o seu sistema como o único verdadeiro. Esta proposta foi recolhida pelo Código de Direito Canónico de 1918, e no Concílio Vaticano II, bem como no Código de 1983. Estranha atitude de consagração de uma obra, que o próprio autor desprezou – *vide infra*.

No dia 6 de Dezembro de 1273 – *feira de São Nicolau de Bari* –, três meses antes da sua morte, enquanto celebrava missa no convento de Nápoles, S. Tomás experimentou uma espécie de êxtase, após o qual abandonou a escrita da sua obra mais conhecida, a *Suma Teológica*, obra que estava a terminar. A partir daí, não escreveu mais uma única linha. Questionado pelos monges de tão estranha atitude, respondeu: “Já não posso mais, porque tudo o que escrevi me parece palha”.

Bacon foi denominado “Doctor mirabilis”. Frade franciscano, teólogo, alquimista e místico, pode ser considerado um precursor da ciência moderna, não obstante tenha vivido no século XIII. Tinha a paixão das ciências. Julgou a lógica inútil e considerou ser a matemática a única fonte de certeza não revelada.

A sua investigação – *tendo em vista a experiência externa* – incidiu sobre a astronomia, a matemática, a história natural, a óptica e a gramática.

A investigação interna corresponde à via do misticismo, que engloba sete graus:

- da iluminação científica;
- das virtudes;
- dos dons do Espírito Santo;
- das bem-aventuranças;
- dos sentidos espirituais;
- da paz de Deus; e
- do êxtase.

A *mística do amor* é segundo Thomas de Kempis (falecido em 1471), uma *Imitação de Cristo*.

Podemos ainda considerar a existência de uma *mística feminina*, que Mircea apelida de *mística da eucaristia* – “para elas, a eucaristia, na qual Cristo se transforma em pão, torna-se o símbolo da sua transformação: renunciando ao alimento, estas místicas transformam-se a elas próprias em alimento”.

Na Igreja Ocidental o misticismo progrediu em quatro frentes fundamentais, que apesar de tudo, acabam por se aliar, ainda que parcialmente. Já falámos da teologia negativa, de uma mística do amor, da especulativa, e da eucaristia, assim apelidada por Mircea e que tem o feminino como maior representação. Na Igreja Oriental, o mundo Ortodoxo assume um carácter mais técnico com a doutrina hesicasta fundada por Gregory Palamas (1295-1359) que evolui no sentido de exercícios, respiração e meditação (oração do coração) que lembram métodos hindus e do Sufismo.

Para além da *oração do coração*, ainda podemos falar da “oração perpétua”, onde o nome de Jesus é repetido

incessantemente como um mantra. Uma das fórmulas – *ou mantra* – muito utilizada pelos religiosos, que é repetida sem cessar, “Senhor Jesus tende piedade de mim”.

Na Igreja Católica, os místicos foram perseguidos pelo Santo Ofício da Inquisição.

Margarida Porete foi queimada em 1310. Mestre Eckart, S. João da Cruz e a própria Teresa de Ávila sofreram perseguições e foram alvo de suspeições.

É de todo natural, que místicos, homens e mulheres da Igreja completamente desprendidos das coisas e vantagens materiais, Ordens mendicantes e de pobreza, que buscavam antes de tudo a imitação do Jesus evangélico, fossem alvo de uma instituição rica e poderosa, muitas vezes viciosa, imoral e criminosa. *“Bem prega Frei Tomás, faz o que ele diz, não faças o que ele faz”.*

Estes Santos, despidos de toda a ambição e apegos, amorosos devotos de um Cristo pobre e humilde, palavra da sua própria palavra, exemplo do seu exemplo, foram incómodos espinhos cravados nos calcanhares de uma Igreja com pés de barro.

Não se justifica fazer desfilar exaustivamente os sucessivos factos, que demonstram inequivocamente a corrupção de uma Igreja opulenta, onde grande parte dos seus dirigentes viveu durante séculos na plena abundância, cercados por uma miríade de vícios que à carne tanto prazem, queimando ou excomungando a seu bel-prazer os indesejáveis, e sendo autora material, moral, ou cúmplice das maiores atrocidades e violências, desde que de tais

actos lhe adviessem vantagens – *infra* (A Taxa Camarae...) procurámos descrever, ainda que muito sinteticamente, o tempo em que Teresa de Jesus e João da Cruz viveram, o que de algum modo explica as perseguições de que foram alvo.

A Igreja de Roma deveria ter aprendido com os seus erros, e com as múltiplas ofensas que fez à pessoa de Jesus.

Seria reconfortante, que o Vaticano fosse mais do que um santuário de riqueza, ostentação, opulência, corrupção, grupos secretos de interesses e palavras vãs, tudo ao arrepio dos ensinamentos daquele que invocam como o seu Deus.

Devemos esquecer o passado, aceitar as desculpas dos erros e pecados de uma Igreja historicamente pecaminosa, à imagem do homem, mas apenas quando surgirem no horizonte “sinais” de verdadeira mudança, num sincero arrependimento. No fundo, é isso que a própria Igreja advoga para os seus fiéis.

Se à grande maioria dos fiéis basta um papa, por muito santo que pareça ou seja, a nós não nos satisfaz a mera aparência institucional encarnada num único homem, falível como os demais – *não iremos aqui discutir, por despicienda, a declaração feita no século XIX da infalibilidade do papa, pelo Concílio Vaticano I.*

Já o dissemos muitas vezes: “As palavras não são as coisas”. A forma do fruto é boa, mas continua a esconder ainda que a contragosto uma substância interior pecaminosa e degradada.

Se “o pecado começa na igreja”, terá de ocorrer nela, em primeira instância, a purificação da sua própria *alma*.

Ratzinger renunciou para ir para a reclusão. Julgo que muito poucos o entenderam. Também eu tenho optado pela

reclusão possível, e não sou o papa Ratzinger, nem sou possuidor das suas motivações e conhecimentos.

Que da Igreja, de qualquer Igreja, de qualquer religião seja ela qual for, se exaltem os frutos não corrompidos, e sejam transformadas em cinzas as árvores estéreis e rejeitados os frutos apodrecidos e contaminadores.

Não se interpretem as minhas palavras como um mero *ataque gratuito* ao Cristianismo, à Igreja Católica, ou a qualquer outra Igreja.

Tal como o Profeta Job, com os mesmos desejos e angústias, tenho dito para mim:

“Assim como o servo deseja a sombra, e como o jornalista espera o fim da sua obra, assim eu tive os anos (o profeta refere meses) vazios e contei as noites trabalhosas para mim. Se dormir, direi: quando chegará o dia em que me levantarei? E logo voltarei a esperar pela tarde e serei cheio de dores até às trevas da noite” (VII, 2).

Não há noite, por mais tormentosa e virulenta, que a janela do meu coração não fique aberta. Espero com humildade e sinceridade, que em qualquer momento, antes da hora do meu passamento, que O que tiver de vir, se assim lhe aprouver virá, ou mostrar-se-á no *Castelo Interior*, preenchendo o vazio do meu espírito, aceitando o facto de que a minha vontade é um nada no tudo da d’Ele.

Que o exemplo de Francisco de Assis, entre outros, e dos Doutores da Igreja Teresa de Ávila e João da Cruz iluminem as Religiões do mundo, a Igreja Católica e os homens de boa vontade.

A TAXA CAMARAE – A IDADE DA CORRUPÇÃO E DO PECADO DA IGREJA

Nesta sede, iremos compreender melhor os motivos determinantes – *não os aparentes, mas os substanciais* – da perseguição da Igreja Católica aos místicos.

Não há possibilidade com os meios existentes de qualificar como autêntico um documento denominado *Taxa Camarae* atribuído ao papa Leão X.

Não nos interessa nem releva o facto do documento ter sido posto em causa por uma “seita fanática” argentina – *Instituto do Verbo Encarnado, www.apologetica.org* .

Não nos devemos também deixar influenciar pela narrativa histórica da vida do papa Leão X, que como outros papas da sua época, não terá sido exemplar.

Não importa quem suscita dúvidas ou expende opiniões, e de quem foi o presumível autor de um qualquer acto delituoso – *não sabemos sequer como qualificar a dita Taxa...* -, mas a pesquisa imparcial da eventual veracidade do objecto dessas dúvidas.

Vejam os:

A *Taxa Camarae* foi publicada em diversas fontes e ao que parece em italiano, francês e espanhol.

No entanto, a referência bibliográfica conhecida e mais antiga onde é mencionada a dita *Taxa Camarae*, é o *Dicionário de Controvérsia*, numa edição de finais do século XIX, talvez 1882, tendo por autoria Teófilo Gay. Mas em nenhuma edição onde o documento é citado e transcrito encontramos a referência à sua fonte original.

Apesar de podermos encontrar o documento em mais do que uma edição, ninguém durante todo este tempo pôs em causa a sua autenticidade, o que também não se constitui como prova da mesma.

Até que P. Rodríguez o incluiu na sua obra, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica*, Terramar, como anexo, escrevendo a título introdutório: "A *Taxa Camarae* é um tarifário promulgado em 1517 pelo papa Leão X (1513-1521) destinado a vender indulgências, ou seja, o perdão das culpas, a todos quantos pudessem pagar umas boas libras ao pontífice. Como veremos na transcrição que se segue, não havia delito, por mais horrível que fosse, que não pudesse ser perdoado a troco de dinheiro. Leão X declarou aberto o céu para todos aqueles, fossem eles clérigos ou leigos, que tivessem violado crianças e adultos, assassinado uma ou várias pessoas, abortado... desde que se mostrassem generosos com os cofres papais".

Rodríguez descobriu o documento por mero acaso, aquando de uma visita de férias a Paris. Um padre jesuíta falou-lhe da existência da *Taxa*, facultando-lhe uma cópia da mesma obtida numa biblioteca da Sorbonne, num livro cuja edição dataria da primeira década do século XX.

Alguns estudiosos referiram-lhe que esta taxa seria verdadeira e um dos motivos fundamentais da "ruptura" de Lutero. Nada encontramos neste sentido, apesar de existirem ligações entre o pontificado desastroso de Leão X

e a manifesta insatisfação de muitos cristãos, encabeçados por Martinho Lutero.

Também não nos interessa de modo algum, a circunstância narrada por P. Rodríguez na web, de ter recebido ameaças, que se estenderam a outros editores que a editaram nos seus *sites* e blogues.

O documento original pode existir, estando profundamente “escondido” nos arquivos secretos do Vaticano, como muitos outros, nomeadamente dos séculos XVI e XVII. Aí, poderá ser um original promulgado por Leão X ou indevidamente elaborado por um bispo ou outro membro da Igreja Católica, sem ou com o consentimento do seu representante máximo. Pode ter sido falsificado à época, ou ser uma falsificação tardia.

Provavelmente, só a muito custo, poderemos avaliar com a certeza necessária a validade da *Taxa Camarae*, ainda que a intuição nos dite pelas circunstâncias da época, uma qualquer adesão.

TAXA CAMARAE

1. O eclesiástico que cometa o pecado da carne, seja com freiras, seja com primas, sobrinhas ou afilhadas suas, seja, por fim, com outra mulher qualquer, será absolvido, mediante o pagamento de 67 libras, 12 soldos.

2. Se o eclesiástico, além do pecado de fornicação, quiser ser absolvido do pecado contra a natureza ou de bestialidade, deve pagar 219 libras, 15 soldos. Mas se tiver apenas cometido pecado contra a natureza com meninos ou

com animais e não com mulheres, somente pagará 131 libras, 15 soldos.

3. O sacerdote que desflorar uma virgem pagará 2 libras, 8 soldos.

4. A religiosa que quiser alcançar a dignidade de abadessa depois de se ter entregado a um ou mais homens simultânea ou sucessivamente, quer dentro, quer fora do seu convento, pagará 131 libras, 15 soldos.

5. Os sacerdotes que quiserem viver maritalmente com parentes pagarão 76 libras e 1 soldo.

6. Para todos os pecados de luxúria cometidos por um leigo, a absolvição custará 27 libras e 1 soldo; no caso de incesto, acrescentar-se-ão em consciência 4 libras.

7. A mulher adúltera que queira ser absolvida para estar livre de todo e qualquer processo e obter uma ampla dispensa para prosseguir as suas relações ilícitas, pagará ao Papa 87 libras e 3 soldos. Em idêntica situação, o marido pagará a mesma soma; se tiverem cometido incesto com os seus filhos acrescentarão em consciência 6 libras.

8. A absolvição e a certeza de não serem perseguidos por crimes de rapina, roubo ou incêndio, custará aos culpados 131 libras e 7 soldos.

9. A absolvição de um simples assassinio cometido na pessoa de um leigo é fixada em 15 libras, 4 soldos e 3 dinheiros.

10. *Se o assassino tiver morto a dois ou mais homens no mesmo dia, pagará como se tivesse apenas assassinado um.*

11. *O marido que tiver dado maus tratos à sua mulher, pagará aos cofres da chancelaria 3 libras e 4 soldos; se a tiver morto, pagará 17 libras, 15 soldos; se o tiver feito com a intenção de casar com outra, pagará um suplemento de 32 libras e 9 soldos. Se o marido tiver tido ajuda para cometer o crime, cada um dos seus ajudantes será absolvido mediante o pagamento de 2 libras.*

12. *Quem afogar o seu próprio filho pagará 17 libras e 15 soldos; caso matem o próprio filho, por mútuo consentimento, o pai e a mãe pagarão 27 libras e 1 soldo pela absolvição.*

13. *A mulher que destruir o filho que traz nas entranhas, assim como o pai que tiver contribuído para a perpetração do crime, pagarão cada um 17 libras e 15 soldos. Quem facilitar o aborto de uma criatura que não seja seu filho pagará menos 1 libra.*

14. *Pelo assassinato de um irmão, de uma irmã, de uma mãe ou de um pai, pagar-se-á 17 libras e 5 soldos.*

15. *Quem matar um bispo ou um prelado de hierarquia superior terá de pagar 131 libras, 14 soldos e 6 dinheiros.*

16. *O assassino que tiver morto mais de um sacerdote, sem ser de uma só vez, pagará 137 libras e 6 soldos pelo primeiro, e metade pelos restantes.*

17. *O bispo ou abade que cometa homicídio por emboscada, por acidente ou por necessidade, terá de pagar, para obter a absolvição, 179 libras e 14 soldos.*

18. *Quem quiser comprar antecipadamente a absolvição, por todo e qualquer homicídio accidental que venha a cometer no futuro, terá de pagar 168 libras, 15 soldos.*

19. *O herege que se converta pagará pela sua absolvição 269 libras. O filho de um herege queimado, enforcado ou de qualquer outro modo justicado, só poderá reabilitar-se mediante o pagamento de 218 libras, 16 soldos, 9 dinheiros.*

20. *O eclesiástico que, não podendo saldar as suas dívidas, não quiser ver-se processado pelos seus credores, entregará ao pontífice 17 libras, 8 soldos e 6 dinheiros, e a dívida ser-lhe-á perdoada.*

21. *A licença para instalar pontos de venda de vários géneros, sob o pórtico das igrejas, será concedida mediante o pagamento de 45 libras, 19 soldos e 3 dinheiros.*

22. *O delito de contrabando e as fraudes relativas aos direitos do príncipe custarão 87 libras e 3 dinheiros.*

23. *A cidade que quiser obter para os seus habitantes ou para os seus sacerdotes, frades ou monjas autorização de*

comer carne e lacticínios nas épocas em que está vedado fazê-lo, pagará 781 libras e 10 soldos.

24. O convento que quiser mudar de regra e viver com menos abstinência do que a que estava prescrita, pagará 146 libras e 5 soldos.

25. O frade que para sua maior conveniência, ou gosto, quiser passar a vida numa ermida com uma mulher, entregará ao tesouro pontifício 45 libras e 19 soldos.

26. O apóstata vagabundo que quiser viver sem travas pagará o mesmo montante pela absolvição.

27. O mesmo montante terá de pagar o religioso, regular ou secular, que pretenda viajar vestido de leigo.

28. O filho bastardo de um prior que queira herdar a cura de seu pai terá de pagar 27 libras e 1 soldo.

29. O bastardo que pretenda receber ordens sacras e usufruir de benefícios pagará 15 libras, 18 soldos e 6 dinheiros.

30. O filho de pais incógnitos que pretenda entrar nas ordens pagará ao tesouro pontifício 27 libras e 1 soldo.

31. Os leigos com defeitos físicos ou disformes, que pretendam receber ordens sacras e usufruir de benefícios pagarão à chancelaria apostólica 58 libras e 2 soldos.

32. *Igual soma pagará o cego da vista direita, mas o cego da vista esquerda pagará ao Papa 10 libras e 7 soldos. Os vinhos pagarão 45 libras e 3 soldos.*

33. *Os eunucos que quiserem entrar nas ordens pagarão a quantia de 310 libras e 15 soldos.*

34. *Quem por simonia quiser adquirir um ou mais benefícios deve dirigir-se aos tesoureiros do Papa que lhos venderão por um preço moderado.*

35. *Quem por ter quebrado um juramento quiser evitar qualquer perseguição e ver-se livre de qualquer marca de infâmia, pagará ao Papa 131 libras e 15 soldos. Pagará ainda por cada um dos seus fiadores a quantia de 3 libras.*

Fonte: Rodríguez, Pepe, obra citada.

Na Idade Média os papas alternavam – *que me seja desculpado o termo*. Por um lado, religiosos de devoção e prática de vida exemplares, por outro, cidadãos poderosos sem moralidade, alguns verdadeiros criminosos na mais rigorosa acepção do termo, como infra exemplificaremos. A imoralidade da Igreja Romana não era secreta, mas escândalo público. Este facto terá conduzido à Reforma de Lutero.

O papa Urbano II (1088-1099) instituiu em 1095 o *Callagium*, taxa anual de liberação sexual pagável ao papado, que permitia aos "membros" do clero ter amantes. Segundo alguns historiadores, a taxa não surtiu o efeito de colecta esperado – *nos mosteiros e nas paróquias ter-se-á assistido por "substituição" a um aumento da homossexualidade*. Anacletus (1130-1138) terá cometido incesto com uma irmã e outras mulheres da família, bem como "usado" para a sua lascívia, freiras e noviças. Clemente VI (1342-1352) foi descrito por Petrarca como "um Dionísio eclesiástico, com suas artimanhas infames e obscenas", já que tinha relações sexuais com prostitutas, e bastantes amantes. Pio II (1458-1464) terá tido doze filhos, se mais não teve. Paulo II (1464-1471), considerado homossexual e sádico, tinha uma apetência especial em ver homens nus submetidos a tortura. Inocêncio VIII (1484-1492) terá tido sete filhos ilegítimos e outras tantas filhas (que reconhecia publicamente). O seu pontificado ficou conhecido na história como a *Era de Ouro dos Bastardos*. No leito de morte terá feito um último pedido: mamar numa ama-de-leite... Júlio II (1503-1513) contratou Miguel Ângelo para pintar a Capela Sistina e era pedófilo, ocupando parte do seu tempo com meninas e meninos. Paulo III (1534-1549) tinha relações incestuosas com a irmã. Com intuitos patrimoniais terá morto por envenenamento a própria mãe e uma sobrinha, e dois cardeais e um bispo por razões teológicas. Estranha é a afirmação de que tinha na sua posse uma lista de cerca de 40.000 prostitutas que pagavam uma taxa mensal ao papado. Júlio III, homossexual, terá sodomizado o próprio filho.

Muitos outros, mais antigos, na época, e posteriores, cometeram graves delitos e atrocidades, que para aqui não relevam, por desnecessário para a caracterização da época.

Mas, atentemos agora em Leão X. Enquanto Giovanni di Lorenzo de Medici estudou Teologia e Direito Canónico. Foi Bispo e depois Cardeal.

Terá esvaziado os cofres do Vaticano. Referem alguns historiadores que estimulou a venda de indulgências e de relíquias – *cuja autenticidade seria em grande parte dos casos duvidosa* – e que com a sua conduta “quase-pagã” despoletou a indignação de muitos religiosos, que seguiram Martinho Lutero na Reforma Protestante, fazendo com que o cristianismo europeu perdesse a sua unidade.

Lutero afixou as suas 95 teses na porta da Igreja de Wittenberg. Em Junho de 1520, Leão X emitiu uma bula – *Exsurge Domini* – onde censurava e ameaçava o seu autor com a excomunhão. Lutero foi excomungado no ano de 1521, ano que Leão X faleceu – *1 de Dezembro*.

Se bem atentarmos, os factos delituosos descritos na *Taxa Camarae* estão em conformidade com os “pecados” da época. Muitos papas, cardeais, bispos e padres praticavam à revelia da doutrina que diziam professar os mais horrendos crimes. Não nos admira, que num *panorama diabólico* surgisse um documento que os liberasse das devoradoras chamas do Inferno.

Mas tal facto, também não nos assevera a autenticidade do documento, antes a sua perfeita adequação prática à época. Não mais do que isso.

Não se diga, que os factos supra, mesmo que aditados por muitos outros, podem destruir a Igreja.

Napoleão terá dito uma vez, que aniquilaria a Igreja. Um cardeal, então, ter-lhe-á respondido: “Mas nem mesmo nós fomos capazes de fazê-lo!”.

SANTA TERESA DE JESUS OU TERESA DE ÁVILA – DOUTORA DA IGREJA

Aquela que viria a ser conhecida como Teresa de Ávila e Teresa de Jesus, de seu verdadeiro nome Teresa de Cepeda y Ahumada, nasceu em 1515 na província de Ávila em Castela, filha de Alonso Sánchez de Cepeda e de Beatriz de Ahumada y Cuevas. A mãe criou Teresa com profunda devoção na fé cristã.

Desde muito cedo, que Teresa demonstrou um grande interesse pelos escritos atinentes à vida dos santos.

A mãe morre em 1528 e Teresa atingida por uma profunda tristeza encontrou na devoção à Virgem Maria o seu maior refúgio, considerando-a a partir daí sua “mãe espiritual”.

Em 1531 entra para o Convento de Nossa Senhora da Graça, escola de freiras agostinianas com sede em Ávila, na qualidade de interna.

Passado pouco tempo adoece e sai do convento, retornando a casa do pai, onde se ocupa com leituras espirituais e se exercita na prática da “oração mental”. Recuperada a saúde, no ano de 1536, Teresa entra no Convento da Encarnação e toma o hábito a 2 de Novembro.

No ano seguinte, professa no Carmelo.

É interessante anotar que no ano de 1542, nasce S. João da Cruz, cuja obra mística se encontra estreitamente ligada à de Teresa de Jesus.

Teresa desenvolve vários métodos de oração e atinge progressivamente estádios avançados na “união com Deus”. Já estamos em 1556 quando alguns “espirituais” sugerem que o conhecimento revelado a Teresa tinha a sua

origem no demónio e não em Deus Pai, no Seu Filho, ou no Espírito Santo. No entanto, o seu confessor assegura-lhe o contrário.

No ano de 1558, Teresa encontra-se com S. Pedro de Alcântara. No ano seguinte, no dia de S. Pedro, diz que Cristo lhe terá aparecido, ainda que invisível. Durante algum tempo, continuou a ter visões, e numa delas um Serafim tê-la-á trespassado com uma lança de ouro com uma pequena chama na ponta. “Ele parecia para mim estar lançando-a por vezes no meu coração e perfurando as minhas entranhas; quando a puxava de volta, parecia levá-las junto também, deixando-me inflamada com um grande amor de Deus”. A dor seria tão intensa que a fazia gemer, mas julgava-a tão doce que não queria que ela terminasse. Esta visão constitui-se como a inspiração de Bernini para a execução da escultura que podemos considerar como uma das obras-primas da arte mundial.

Teresa, na tentativa de imitar Cristo, aceitou e procurou o sofrimento da paixão, o que se reflecte na expressão: “Senhor, ou me deixe sofrer ou me deixe morrer”.

Constatando os muitos *males* que assolavam o Convento Carmelita da Encarnação, Teresa em 1560 motivada pelo encontro que teve com S. Pedro de Alcântara, decide com algumas companheiras fundar um convento com as regras primitivas do Carmelo. Em 1562 funda o Convento de S. José, numa enorme pobreza, onde passa a residir a partir do ano de 1563. Durante cinco anos, Teresa manteve-se em quase total reclusão e dedicou-se à escrita, não obstante tenham sido criados vários mosteiros e no ano de 1567 se tenha dado o seu primeiro encontro com João da Cruz, que em 1568 funda o primeiro mosteiro de frades carmelitas descalços em Duruelo.

Em 1572 João da Cruz é nomeado capelão do Convento da Encarnação.

A partir de 1575 Teresa e a sua Ordem passa a ser objecto de perseguições.

Em 1577, no meio de inúmeras vicissitudes, Teresa escreve a sua obra-prima, *O Castelo Interior*. Neste ano, cinquenta freiras são excomungadas e S. João da Cruz é raptado.

Só em 1579 os processos instaurados contra si pelo Santo Ofício da Inquisição são arquivados, terminando as perseguições.

Nos cerca de vinte anos da sua acção reformadora foram fundados inúmeros conventos e mosteiros.

Teresa terá falecido no dia 15 de Outubro de 1582 – *no dia em que se aprovou o calendário gregoriano em detrimento do juliano* – numa viagem que realizava entre Burgos e Alba de Tormes. Foi sepultada nesta última localidade, onde repousam as suas relíquias.

As suas últimas palavras terão sido:

"Meu Senhor, é hora de seguir adiante. Pois bem, que seja feita Tua vontade. Ó meu Senhor e meu Esposo, a hora que tanto esperei chegou. É hora de nos encontrarmos!".

Em 1622, Teresa foi canonizada por Gregório XV.

Em 27 de Dezembro de 1970, Teresa de Jesus foi distinguida pelo Papa Paulo VI com o título de Doutora da Igreja. Foi a primeira mulher, conjuntamente com Catarina de Sena a ser proclamada doutora da Igreja.

OBRAS

As principais obras de Teresa de Jesus (e de S. João da Cruz), estão entre as mais excelentes da mística Cristã.

A "Autobiografia", escrita cerca do ano 1565, sob a direcção de seu confessor, fr. Pedro Ibáñez.

"O Caminho da Perfeição", também escrito sob a direcção de Ibáñez.

"Meditações sobre o Cântico do Cânticos" (1567).

"O Castelo Interior", na qual a alma é comparada a um castelo com sete moradas.

"Relações", uma ampliação da sua autobiografia onde nos narra as suas experiências internas e externas na forma de epístolas.

Poemas.

Deixo-vos com um dos mais conhecidos, que é simultaneamente uma oração:

*Nada te inquiete,
nada te assuste;
pois tudo passa,
Deus nunca muda.
A paciência alcança tudo.
Quem Deus possui
nada lhe falta.
Só Deus nos basta.*

SANTA TERESA DE JESUS OU TERESA DE ÁVILA – DOUTORA DA IGREJA (CONT.)

O CASTELO INTERIOR

PRIMEIRAS MORADAS

O Capítulo I "trata da formosura e dignidade das nossas almas. Trata ainda das mercês que recebemos de Deus, e como a porta deste castelo (alma) é a oração".

No centro dos ensinamentos de Santa Teresa de Jesus, encontra-se como melhor veremos, a oração.

O *Castelo Interior* foi escrito no ano de 1577, para benefício das freiras dos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo, com o objectivo de lhes aclarar algumas dúvidas de oração, bem como de as orientar no caminho espiritual para o Senhor.

A Santa suplica a Deus que fale por ela e começa por considerar a nossa alma como um castelo todo de diamante, onde existem inúmeros aposentos.

E começa por falar da alma, porque todo o caminho parte dela, não obstante tenha a consciência de "que por nossa culpa, não nos entendamos a nós mesmos, nem saibamos quem somos".

No seu entender e por motivo da sua experiência mística, necessitamos de ir além dos nossos próprios corpos e conhecer a alma de modo directo e não, apenas, por intermédio da fé. Conhecer a alma e quem está dentro dela.

Este Castelo (a alma) tem muitas moradas: "umas no alto, outras em baixo, outras aos lados; e, no centro e meio de todas estas, tem a mais principal onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma".

Para que entremos no "nosso deleitoso castelo", locução que nos surge na aparência como uma contradição, mas que o não é; são muitos os autores de obras espirituais e santos que aconselham à alma que entre dentro de si mesmo. A tal obstam as coisas e negócios do mundo, a ambição, o desejo, o prazer do efémero.

É pela oração, porque "as almas que não têm oração são como um corpo paralítico ou tolhido que, embora tenha pés e mãos, não os pode mexer", e pela reflexão, mental ou vocal, que se abrem os portais da entrada do castelo.

O Capítulo II "trata de como é feia coisa a alma que está em pecado mortal, e como quis Deus dar a entender algo disto a uma pessoa. Trata também do conhecimento próprio".

De nenhum proveito servirão os esforços daquele que pretende entrar num "castelo tão resplandecente e formoso, esta pérola oriental, esta árvore de vida que está plantada nas mesmas águas vivas da Vida, que é Deus, quando cai em pecado mortal".

Há pois, que expurgar *a morada de Deus* de todas as trevas e imundícies, libertando-a do mal, para que o Altíssimo se torne visível.

Teresa ouviu uma vez a um homem espiritual, “que não se espantava do que fazia quem está em pecado mortal, mas sim do que não fazia”.

No castelo de muitas moradas, a chegada ao palácio onde está Deus, faz-se palmo a palmo, percorrendo aposento a aposento, sempre objetivando o nosso conhecimento interior, munidos de infinita paciência e humildade.

Conhecemo-nos ao procurarmos *conhecer* Deus que habita em nós – *o Reino de Deus está dentro de nós*. Conhecê-Lo não significa que o possamos compreender, porque a nossa razão está limitada pelo tempo e pelo espaço e a d’Ele não. Por outro lado, nas palavras da Santa, “terríveis são os ardis e manhas do demónio (do mal, diremos nós) para que as almas não se conheçam a si mesmas nem entendam Seus caminhos.”.

Para combater o Mal do mundo, ou o príncipe deste, que nos atalha a entrada na primeira morada, teremos de contar com o auxílio de Deus, entendendo quão “miserável é a vida em que vivemos!”.

Não se pense, que neste aposento Deus esteja já na nossa proximidade. As coisas do mundo não permitem a visão à alma de quase nada da luz que sai do Seu palácio. Tenha-se também em atenção que o Mal pode iludir-nos, mostrando-nos luz onde só há trevas. Para que nos libertemos dele necessitamos de começar por nos libertar dos nossos condicionamentos, desejos e aversões, perseverando na oração.

Havendo amor de Deus e do próximo, estará dado o primeiro passo para repelir o mal que ensombra o nosso castelo interior.

SEGUNDAS MORADAS

"Trata do muito que importa a perseverança para chegar às últimas moradas, e a grande guerra que dá o demónio, e quanto convém não errar o caminho no princípio para acertar."

O Senhor diz: "quem anda no perigo, nele perece e que a porta para entrar neste castelo é a oração. Ora, pensar que havemos de entrar no Céu e não entrar em nós, conhecendo-nos e considerando nossa miséria e o que devemos a Deus e pedindo-lhe muitas vezes misericórdia, é desatino".

A segunda morada é a dos que já estão iniciados e deram firme continuidade à oração, e que têm a determinação suficiente para prosseguir no caminho que conduz a Deus.

Nesta morada, quem nela entrou, já começa a entender o "chamamento" que o Senhor lhe faz, por estar d'Ele mais perto, como mais perto estará da sua misericórdia e bondade. Ainda que ocupados com os negócios e bugiarias do mundo, a Sua voz doce far-se-á ouvir, por intermédio de muitas coisas.

A perseverança será uma das virtudes principais da alma que intenta atingir Deus no seu próprio âmago, já que o mal do mundo e a sua falsidade, irão cercá-la com constância, desviando-a do seu rumo. As apetências maléficas e os incómodos são tantos e tão cruéis para a alma, "que não sabe se há-de passar adiante ou voltar ao primeiro aposento!".

Refere a Santa com insistência a necessidade que tem a alma de “vencer os demónios”, e que “todo o inferno se juntará para fazê-la tornar a sair para fora (do castelo onde entrou) “. Neste sofrimento atroz, só o auxílio de Deus poderá fazer com que não sucumba aos ataques do Mal (“vai pelejar com todos os demónios e não há melhores armas do que as da cruz”).

TERCEIRAS MORADAS

O Capítulo I “trata da pouca segurança que podemos ter enquanto se vive neste desterro, ainda que o estado seja elevado. E como convém andar com temor”.

Que pode mais a Santa dizer aos que entrarem nestas terceiras moradas que “bem-aventurado o varão que teme o Senhor”?

Aquele que nelas entrar, se não voltar atrás, “leva caminho seguro na sua salvação”.

O caminhante terá de encontrar a paz na “sua casa”, porque não a tendo na sua, como a irá encontrar “na casa alheia”? Terá de confiar em Deus que o levará de aposento em aposento e o meterá “naquela terra” onde o Mal não mais o poderá apoquentar.

Escreve a Santa: “Ó meu Senhor e meu Bem! Como quereis que se deseje vida tão miserável, se não é possível deixar de querer e pedir que nos tireis dela, se não é com esperança de perdê-la por Vós ou gastá-la em Vosso Serviço, e sobretudo entender que é Vossa vontade? Se o é, Deus meu, morramos convosco, como disse S. Tomé, porque não é outra coisa senão morrer muitas vezes o viver

sem Vós e com estes temores de que pode ser possível perder-Vos para sempre”.

Adverte as suas irmãs que nem só a penitência, oração e o afastamento das coisas do mundo bastam. Incita-as a meditar continuamente no seguinte versículo:

“Beatus vir, qui timet Dominum”, ou seja, bem-aventurado o Homem que teme ao Senhor.

Por outro lado, entrando nestas moradas, devem tirar “das securas humildade e não inquietação (...)”

O Capítulo II “prosegue no mesmo tema e trata das securas na oração e do que poderia suceder, a seu parecer, e como é mister provar-nos o que o Senhor prova aos que estão nestas moradas”.

Diz a Santa ter conhecido bastantes almas, que chegaram a este estado e que viveram muitos anos na rectidão e conciliação de corpo e alma; no entanto, quando se sentiam como “senhores do mundo”, Deus provou-as “em coisas não muito grandes”, andando a partir daí em grande inquietação e enorme aperto de coração.

Deste modo, pede às Irmãs que se esforcem, deixando as suas fraquezas e temores nas mãos de Deus, caminhando depressa na Sua direcção, procurando viver em silêncio e esperança.

Com a virtude e persistência da oração, conformando pacientemente a sua vontade com a de Deus, e confiando-Lhe os seus temores e desassossego, proveitosa será a permanência neste aposento e inevitável a subida a novas moradas.

QUARTAS MORADAS

O Capítulo I "trata da diferença que há entre ternuras na oração e gostos, e diz o contento que lhe deu entender que é coisa diferente o pensamento e o entendimento".

Para começar a falar das quartas moradas a Santa encomenda-se ao Espírito Santo para que por ela fale, já que começa a tratar de coisas sobrenaturais, sendo dificultoso dá-las a entender.

Estas moradas já estão mais perto de Deus, sendo grande a sua formosura e muitas as coisas delicadas para ver e entender.

Nelas, poucas vezes entram as coisas "peçonhentas" e se entram, não é dano que fazem, mas deixam lucro.

Neste estado, mais do que pensar muito é necessário amar muito, não permitindo que a alma esteja em união com Ele e o pensamento nos arredores do castelo, "padecendo cem mil animais ferozes e peçonhentos".

Diz por ouvir dizer que a parte superior da alma está na parte superior da cabeça. Assim sendo, a sucessão (barafunda) de pensamentos terá forçosamente de a perturbar.

O Capítulo II "prosegue no mesmo e declara por uma comparação o que são gostos e como se hão-de alcançar não os procurando".

Chama gostos de Deus à "oração de quietude".

Aconselha as irmãs em não pensar que merecem as graças e gostos do Senhor, nem que as devem ter na vida. Esses gostos são bens que não podem ser expressos por palavras, e que a própria alma não entende o que se passa em tais delícias.

É justo que se pergunte à Santa no que respeita aos ditos gozos: "desta maneira, como se hão-de alcançar não os procurando?"

Segundo ela, esta é a melhor via. Amar Deus sem interesse. Por outro lado, é manifesta falta de humildade "pensar que, por nossos serviços miseráveis, se há-de alcançar coisa tão grande".

Termina o capítulo dizendo:

"Suas somos, irmãs; faça de nós o que quiser, leve-nos por onde for servido:"

O Capítulo III "trata do que é a oração de recolhimento. Na maior parte das vezes, a dá o Senhor antes da oração acima dita. Diz seus efeitos e os que ficam da oração anterior em que tratou dos gostos que o Senhor dá".

Diz-nos que são muitos os efeitos desta oração de que apenas nos dirá alguns, dizendo-nos primeiramente, outra forma de oração que começa quase sempre antes desta.

Trata-se de um recolhimento que lhe parece sobrenatural, "porque não é estar às escuras nem cerrar os olhos, nem consiste em coisa alguma exterior, posto que, sem o querer, se faça isto de cerrar os olhos e desejar soledade".

A alma entra dentro de si e outras vezes “sobe sobre si”, chamada por Deus, quando nos esquecemos de nós mesmos e dos nossos proveitos, regalos e gostos.

Faz uma advertência às irmãs de dois perigos:

- em primeiro lugar, “algumas, de muita penitência, oração e vigílias e ainda sem isto, são fracas de compleição; em tendo algum consolo, sujeita-as o natural; e, como sentem algum contento interior e quebrantamento exterior e uma fraqueza, quando há um sono a que chamam espiritual, que é um pouco mais do que fica dito, parece-lhes que é igual ao outro e deixam-se embevecem. E, quanto mais a isso se entregam, mais se embevecem, porque se enfraquece mais a natureza e, a seu juízo, lhes parece arroubamento; e chamo-lhe eu pasmaceira, pois não é outra coisa senão estar ali perdendo tempo e gastando a saúde”;

- por outro lado, existem outras, “tão fracas de cabeça e férteis de imaginação, que lhes parece ver tudo quanto pensam”.

São duas situações de enorme perigo para as almas que caminham na direcção do Altíssimo.

QUINTAS MORADAS

O Capítulo I “começa a tratar como na oração se une a alma com Deus. Diz em que se conhecerá não ser engano”.

Não sabe a Santa como explicar a riqueza, tesouros e deleites que há nas quintas moradas.

Mesmo que as almas se limitem a chegar à porta destas moradas, já é grande a misericórdia que Deus lhes faz, porque ainda que sejam muitos os chamados, são poucos os escolhidos.

Chamadas à oração e à contemplação pelo hábito sagrado do Carmo, não devem as irmãs descuidar-se, deixando de gozar o Céu na terra, pela graça de Deus.

Na oração em que se chega à união, fica a alma como que adormecida, às coisas do mundo e a si mesma – *“porque na verdade, fica-se como sem sentidos durante o pouco tempo que dura, nem se pode pensar, ainda que se queira”*.

Está a alma morta ao mundo para que viva mais em Deus.

Nesta morada, a alma terá de discernir pela experiência acumulada, se a união “foi ilusão, se estava sonhando, se foi dada por Deus, ou se o demónio se transfigurou em anjo de luz”.

No entanto, estando nesta morada unida a Deus, o demónio não conseguirá entrar nela. Há outras “uniões”, diz-nos Teresa, de que falará em momentos posteriores, mas não deixa de nos elucidar no que à sua experiência e certezas respeita: “ (...) esta alma a quem Deus fez tonta de todo para melhor imprimir nela a verdadeira sabedoria, não vê, nem ouve, nem entende o tempo que está assim, que sempre é breve. Fixa-se Deus a si mesmo no interior daquela alma de modo que, quando volta a si, de nenhuma maneira pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela”.

É pois, Deus, quem nos convida a entrar n’Ele no centro da nossa alma.

O Capítulo II "prosegue no mesmo. Declara a oração de união por uma comparação delicada. Diz os efeitos com que fica a alma".

Na oração de união, Deus é a nossa morada e a nossa vida está escondida n'Ele.

Nesta morada, à alma tudo lhe parece pouco o que há-de fazer por Deus, segundo os seus desejos.

Está quieta e sossegada mas, por outro lado, em desassossego, com múltiplos desejos de penitência, de solidão e de que todos conheçam Deus.

O Capítulo III "continua a mesma matéria. Fala de outra maneira da união que pode alcançar a alma com o favor de Deus e quanto importa para isto o amor do próximo".

Adverte Teresa de Jesus, que o Senhor nos pede duas coisas: Amor por Ele e pelo próximo. E nesse sentido têm as almas de muito labutar – "guardando-as com perfeição, faremos a Sua vontade, e assim estaremos unidas com Ele". No Amor por Ele e do próximo que nasce de raiz do Seu amor.

O Capítulo IV "prosegue o mesmo, declarando mais esta maneira de oração. Diz o muito que importa andar de sobreaviso, pois o demónio anda bem avisado para fazer voltar atrás no caminho começado".

Parece a Teresa, que esta união, ainda não se consubstancia no desposório espiritual.

Assim, devem as irmãs ir sempre adiante, porque uma alma que pretende ser esposa do próprio Deus, e com Ele tem tratado, "não se há-de deitar a dormir".

E para verem (as irmãs) "o que Ele faz com as que já tem por esposas, comecemos a tratar das sextas moradas, e vereis como é pouco tudo em que O poderemos servir e padecer e fazer para nos dispormos a tão grandes mercês".

SEXTAS MORADAS

O Capítulo I " trata de como, em começando o Senhor a fazer maiores mercês, há maiores trabalhos. Diz alguns e como se comportam neles os que estão nesta morada".

Começa a Santa por dizer, que "venhamos, pois, com o favor do Espírito Santo, a falar das sextas moradas, onde a alma já fica ferida de amor do Esposo e procura muitas ocasiões para estar a sós e deixar tudo quanto pode, conforme o seu estado, e a pode estorvar nesta soledade".

Nesta oração em que não se vê nada, nem sequer como consequência da imaginação, e a alma já se determinou a não ter outro esposo, ocorre que este, ainda mais exige dela para que se façam os desposórios.

Por vezes, o Senhor dá graves enfermidades e aflições espirituais, com dores violentas no corpo e na alma, aos que se encontram nesta morada e se preparam para ascender às últimas moradas.

O Capítulo 2 *"trata de algumas maneiras com que Nosso Senhor desperta a alma, nas quais parece não haver que temer, embora seja coisa muito subida, e sejam grandes as mercês"*.

O 3 *"trata da mesma matéria e diz a maneira como Deus fala à alma, quando é servido, e avisa como se hão-de haver nisto, e não seguir o seu próprio parecer. Dá alguns sinais para se conhecer quando não é engano, e quando o é"*.

O 4 *"trata de quando Deus suspende a alma na oração com arroubamento, ou êxtase, ou raptó, que tudo é uma mesma coisa"*.

O 5 *"prosegue no mesmo assunto, e declara uma maneira como Deus levanta a alma com um voo de espírito, de modo diferente ao que fica dito"*.

O 6 *"diz um efeito da oração que fica dita no capítulo passado, com o qual se entenderá que é verdadeira e não engano"*.

O 7 *"trata como é a pena que sentem de seus pecados as almas a quem Deus faz as ditas mercês. Diz quão grande erro é não se exercitar, por espiritual que seja, em trazer presente a humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e sua sacratíssima paixão e vida, e a Sua gloriosa Mãe e os seus santos"*.

O 8 *"trata de como se comunica Deus à alma por visão intelectual e dá alguns avisos. Diz os efeitos que faz quando é verdadeira. Recomenda o segredo destas mercês"*.

O 9 *"trata de como o Senhor se comunica à alma por visão imaginária, e avisa muito que se guardem de desejar ir por este caminho. Dá para isso razões"*.

O 10 *"diz outras mercês que Deus faz à alma por modo diferente das que ficam agora ditas, e do grande proveito que delas fica"*.

O 11 *"trata de uns desejos tão grandes e impetuosos, que Deus dá à alma de O gozar, que a põem em perigo de*

perder a vida, e do proveito que fica desta mercê que o Senhor faz”.

Terão bastado todas as mercês que o Esposo fez à alma, para que esteja plenamente satisfeita?

Não. Sempre geme e chora, porque quanto mais conhece as grandezas de Deus, mais lhe cresce o desejo de o gozar em toda a Sua plenitude.

E isso, só poderá acontecer no Seu palácio.

SÉTIMAS MORADAS

Nas sétimas e últimas moradas a Santa trata dos grandes favores que Deus fez a todas as que ali entraram.

Analisa a questão da alma e espírito, pensando que existem diferenças entre eles, apesar de serem um.

Bem como a diferença que existe entre “união espiritual” e “matrimônio espiritual” e os efeitos magníficos que daí provêm.

Gostaria de anotar, que a explicação de Teresa de Jesus sobre a “oração contemplativa” – *na sua opinião, é nada mais que um “compartilhamento íntimo entre amigos;*

significa dedicar tempo com frequência para estar sozinho com aquele que sabemos que nos ama” - foi adoptada pelo Catecismo da Igreja Católica.

S. JOÃO DA CRUZ

BIOGRAFIA e OBRA – NOTAS BREVES

Filho de Gonzalo de Yepes, tecelão, e de Catalina Alvarez, nasceu no dia 24 de Junho de 1542, em Fontiveros, Ávila, Espanha, aquele que se veio a chamar S. João da Cruz. No ano de 1548, a família muda-se para Medina del Campo, onde João estuda numa escola fundada para pobres.

Entre 1559 e 1563 estudou Humanidades no seio dos Jesuítas. Em 1563, ingressa na Ordem do Carmo, recebendo o nome de Frei João de São Matias. Faz a sua profissão religiosa e entre 1564 e 1568 estuda em Salamanca. No ano de 1567, quando termina os seus estudos teológicos, é ordenado sacerdote e celebra a sua primeira missa.

Desiludido com as poucas virtudes da vida monástica da Ordem dos Carmelitas, procura na Ordem dos Cartuxos a vida de comunhão espiritual que ambicionava.

No ano de 1567 conhece Santa Teresa de Ávila, que o elucida quanto ao seu projecto de reforma da Ordem Carmelita aos padres, donde viriam a surgir os Carmelitas Descalços.

Muito jovem, envolveu-se no projecto da Santa e mudou o seu nome para João da Cruz.

Em 1568, com Frei António de Jesus Heredia, inicia a Reforma da Ordem.

Em 1568 e 1569 é Mestre de noviços em Duruelo e Mancera. Em 1569 abre-se o Convento de Pastrana e João da Cruz procura nele suavizar, na medida possível, a dureza extrema da sua vida.

Em 1571 é nomeado Reitor do Colégio de Alcalá. E de 1572 a 1577 é Confessor e Vigário na Encarnação, em Ávila.

O seu desejo intenso de regresso ao misticismo dos *Padres do Deserto* trouxe-lhe sérios dissabores, tendo inclusivamente sido preso na noite de 3 para 4 de Dezembro de 1577 numa prisão de Toledo, durante oito meses. Terá sido no cárcere, que as suas geniais poesias tiveram origem.

Libertado, é nomeado Prior de Calvano e em 1579, Reitor do Colégio de Baeza.

Em 1581, no Capítulo de Alcalá é nomeado Terceiro Definidor, Provincial e Prior de Granada, sendo reeleito Prior desta cidade em Maio de 1583.

No ano de 1585, na cidade de Lisboa, foi eleito Segundo Definidor. No mesmo ano é também nomeado Vigário Provincial de Andaluzia.

Em 1588, no Primeiro Capítulo Geral realizado em Madrid é nomeado Primeiro Definidor Geral, Prior de Segóvia e Terceiro Conselheiro de consulta.

No Capítulo Geral de Madrid de 1591, cessam todos os seus cargos.

Abandona esta vida no dia 14 de Dezembro de 1591, por volta da meia-noite. Tinha então 49 anos.

Em 1618, em Alcalá, as suas obras são pela primeira vez editadas.

Em 1675 é beatificado pelo papa Clemente X e em 1726 é canonizado por Bento XIII.

Em 1926 é declarado Doutor Místico da Igreja por Pio XI.

Numa última consideração, diga-se, que em 1952 é proclamado patrono dos poetas espanhóis.

A partir da sua morte, S. João da Cruz alcançou uma inequívoca autoridade na Mística – *tal como foi reconhecido por Pio XI.*

A sua mensagem instiga-nos a descobrir o “tesouro” da cruz, a importância da oração e do silêncio no caminho para o “cume”, bem como a dádiva do perdão.

Pode dizer-se que com o Santo nasce uma forma revolucionária de ascender e conhecer Deus. Não é por intermédio da razão com todos os seus bem conhecidos artifícios lógicos, mas sim pelo amor, que o vamos conhecer – *esse conhecimento não nos fornecerá quaisquer conceitos, mas antes um específico “sentimento de Deus”.*

Pela doutrina da *Subida do Monte Carmelo*, o Santo, intenta demonstrar o modo correcto de subir até ao *cume* do monte, ou seja, ao mais alto estado de perfeição e que consiste na união. “Trata de como uma alma se pode dispor a fim de em breve tempo chegar à divina união. Dá avisos e doutrina muito proveitosos, tanto aos principiantes como aos adiantados, para que saibam desembaraçar-se de tudo quanto é temporal e não se embaraçar com o espiritual e permanecer na suma desnudez e liberdade de espírito requeridas para a divina união”.

A Noite Escura – purificação passiva do sentido e do espírito -, é a declaração das canções acerca do modo que a alma tem no caminho espiritual para chegar à perfeita união de amor com Deus, tanto quanto pode nesta vida. Dizem-se nelas, também, as propriedades que em si tem aquele que chegou à dita perfeição.

O Livro Primeiro trata da noite do sentido e o Livro Segundo da noite escura do espírito.

O Cântico Espiritual usa uma linguagem figurativa e misteriosa para descrever os diferentes estados pelos quais passa a alma, sob a crescente inflamação dum amor cada vez mais ardente, até atingir a união com Deus

A *Chama Viva de Amor* é de todas, a mais ardente das obras. Servindo-se da comparação de um madeiro abrasado pelo fogo, S. João da Cruz declara alguns admiráveis efeitos e deleites produzidos na alma na sua íntima união com Deus.

Os seus principais poemas, no nosso entender, são os que nos surgem nas grandes obras: *Cântico Espiritual*, *Noite Escura* e *Chama Viva de Amor*.

Indubitavelmente, S. João da Cruz é um dos maiores, senão o maior poeta espanhol de todos os tempos.

Infra, poderá o leitor tomar contacto com a sua obra poética completa.

Caso o leitor pretenda estudar a obra do Santo, seguindo a ordem constante das suas Obras Completas, é bem possível que se desmotive ao tomar um primeiro contacto com a *Subida do Monte Carmelo*.

Como ensina o Padre Gabriel de Santa Maria Madalena – *Obras Completas, Edições Carmelo* – devemos em primeiro lugar tomar contacto com a sua doutrina através do *Cântico Espiritual*, sem que seja necessário lê-lo na sua totalidade, podendo uma primeira leitura limitar-se às 12 primeiras estrofes. Deste modo, tomámos a liberdade de adaptar e resumir as primeiras canções da dita obra, preparando e motivando a *alma* para a leitura integral do dito *Cântico* e da mencionada *Subida*.

Da obra de S. João da Cruz resulta que para atingirmos a união

divina, necessitamos de abandonar todos os nossos apegos, numa atitude de total desprendimento de tudo o que Deus não é.

“Quando a alma procura Deus, muito mais a procura o seu Amado a ela.”

O CÂNTICO ESPIRITUAL - UMA INTRODUÇÃO À SUA LEITURA

O *Cântico Espiritual* pode ser considerado uma das mais belas de todas as obras do Santo, não obstante a *Subida do Monte Carmelo* a par com a *Noite Escura*, sejam de todo essenciais para a compreensão da sua doutrina mística.

O *Cântico* consta de 40 estrofes e está dividido em três partes, tendo trinta sido escritas no cárcere em Toledo.

Pela doutrina da *Subida do Monte Carmelo*, o Santo intenta demonstrar o modo correcto de subir até ao *Cume* do monte, ou seja, ao mais alto estado de perfeição e que consiste na união da alma com Deus.

Depois de ler ainda que parcialmente o *Cântico Espiritual*, o leitor já estará em condições de iniciar proveitosamente a leitura da dita *Subida*.

Em sua admirável obra, recorda aos leitores com frequência, o *Cume* daquela montanha e deseja ardentemente que todos subam, atingindo-O.

Como supra ficou dito, tomámos a liberdade de adaptar e resumir as primeiras canções do *Cântico*, preparando a *alma* para a sua leitura, e posterior estudo da *Subida do Monte Carmelo*.

Que tal arrojo nos seja perdoado.

Inicialmente, julgámos de maior interesse resumir todo o *Cântico Espiritual*. No entanto, tal atitude poderia fazer com que muitos, acomodando-se a mera e deficiente síntese da doutrina do Doutor Místico, não venham a usufruir da sua obra e pensamento na íntegra. Daí, que nos fiquemos pelas doze canções iniciais.

CÂNTICO ESPIRITUAL CANÇÕES ENTRE A ALMA E O ESPOSO

Esposa

1 –

*Onde é que tu, Amado,
Te escondeste deixando-me em gemido?
Fugiste como o veado,
Havendo-me ferido;
Clamando eu fui por ti; tinhas partido!*

2 –

*Pastores que passardes
Lá por entre as malhadas ao Cabeço,
Se porventura achardes
Aquele que estremeço,
Que adoeço, lhe dizei, peno e feneço.*

3 –

*Buscando meus amores
Irei por esses montes e ribeiras,
Nem colherei as flores,
Nem temerei as feras
E passarei os fortes e fronteiras.*

Pergunta às criaturas

4 –
*Ó bosques e espessuras
Plantados pela mão do meu Amado,
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me, se por vós terá passado?*

Resposta das criaturas

5 –
*Mil graças derramando
Prestes passou dos soutos pela espessura
E enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
Vestidos os deixou de formosura.*

Esposa

6 –
*Ah! Quem poderá sarar-me?
Acaba de entregar-te sem rodeio;
Não queiras enviar-me
Mensageiro entremeio,
Que não sabem dizer-me o que eu anseio.*

7 –
*E todos quantos vagam
De Ti me vão mil graças relatando,
Mas todos mais me chagam
E mais me vai matando
Um não sei quê que ficam balbuciando.*

8 –

*Mas como perseveras,
Ó vida, não vivendo aonde deves,
Matando-te deveras
As setas que recebes
Daquilo que do Amado em ti concebes?*

9 –

*Porquê, tendo chagado
Meu pobre coração, o não saraste?
Depois de o ter roubado,
Porque assim o deixaste
E não tomas o roubo que roubaste?*

10 –

*Apaga-me a tristeza,
Que mais ninguém me pode aqui valer;
E veja tua beleza
Que é luz dos olhos meus
E para ela só os quero ter.*

11 –

*Mostra tua presença
Mate-me a tua vista e formosura;
Olha que esta doença
De amor, já não se cura,
Senão com a presença e com a figura.*

12 –

*Ó fonte cristalina,
Se eu, nesses teus semblantes prateados,
Visse, ó fonte divina,
Os olhos desejados
Que trago nas entranhas esboçados!...*

13 –

*Aparta-os, Amado,
Que o voo levanto.*

Esposo

*Volve já, ó pomba
Que o cervo vulnerado
Por sobre o outeiro assoma
Ao ar desse teu voo, e o fresco toma.*

Esposa

14 –
*Meu Amado, as montanhas,
Os vales solitários, nemorosos,
As insulas estranhas,
Os rios rumorosos
O sibilo dos ares amorosos;*

15 –
*A noite sossegada
Tocando já com o surgir da aurora,
A música calada,
A solidão sonora,
A ceia que recreia e enamora...*

16 –
*Caçai-nos as raposas,
Que a nossa vinha já se encontra em flor,
E tantas são as rosas,
Que em pinha as vamos pôr;
No cimo ninguém surja, por favor.*

17 –
*Detém-te bóreas morto,
Vem austro, que recordas os amores,
Aspira por meu horto,
E corram teus olores
E o Amado pascerá por entre as flores.*

18 –
*Ó ninfas da Judeia,
Enquanto nos rosais e dentre as flores
O âmbar nos recreia,*

*Morai nos arredores
Nem cheguem aos umbrais vossos rumores.*

19 –
*Esconde-te, meu Bem,
E volta a tua face para as montanhas;
Sem o saber ninguém,
E olha para as companhas
Da que por ilhas anda, as mais estranhas.*

20 –
*A vós, aves ligeiras,
Leões, cervos e gamos saltadores,
Montes, vales, ribeiras,
Águas, ares, ardores,
Mais os medos das noites, veladores.*

21 –
*Pelas amenas liras
E canto de sereias vos conjuro,
Que cessem vossas iras
E não toqueis no muro,
Para que a Esposa durma mais seguro.*

22 –
*E já entrou a Esposa
Para dentro do horto ameno desejado
E a seu sabor repousa
O colo reclinado
Sobre os braços dulcíssimos do Amado.*

23 –
*Sob a árvore de Adão
Ali comigo foste desposada,
Ali te dei a mão
E foste resgatada
Lá onde tua mãe fora violada.*

24 –
Nosso leite florido

*De covas de leões entrelaçado,
Em púrpura estendido,
De paz edificado,
De mil escudos de oiro coroados...*

25 –
*Discorrem as donzelas,
Sobre as tuas pegadas, no caminho;
Ao toque das centelhas
E ao temperado vinho,
Dão-te aromas de bálsamo divino.*

26 –
*Bebi do meu Amado
Na adega interior; quando saía
Por todo aquele prado
Já nada conhecia
E o rebanho deixei que antes seguia.*

27 –
*Ali me deu seu peito
E ciência me ensinou muito saborosa,
E a Ele, dom perfeito
De mim, Lhe fiz gostosa
E ali lhe prometi ser sua esposa.*

28 –
*De alma me consagrei
Ao seu serviço e todo o meu haver;
E já não guardo a grei,
Nem tenho outro mister:
Pois já somente amar é meu viver.*

29 –
*Se pois, no eido entretida
Não mais eu já for vista nem achada,
Direis que estou perdida,
Que andando enamorada
Perdidiça me fiz, e estou lucrada.*

30 –
*De flores e esmeraldas
Pela frescura das manhãs colhidas
Faremos as grinaldas
Em teu amor floridas
E num cabelo meu entretecidas.*

31 –
*Aquele só cabelo,
Que em meu colo voar tu advertiste,
Viste em meu colo, e, ao vê-lo,
Preso nele Te viste
E num só dos meus olhos te feriste.*

32 –
*E quando tu me olhavas,
Sua graça em mim teus olhos imprimiam:
Por isso mais me amavas
E nisso mereciam
Meus olhos adorar o que em Ti viam.*

33 –
*Não queiras desprezar-me,
Que se morena cor em mim achaste,
Já bem podes olhar-me,
Depois que Tu me olhaste,
Pois graça e formosura em mim deixaste.*

34 –
*A cândida pombinha
À arca com o ramo regressou
E já a rolazinha
Ao sócio que esperou
Junto às ribeiras verdes encontrou.*

35 –
*Em solidão vivia,
Seu ninho em solidão pôs escondido,
Na solidão a guia
A sós o seu Querido,*

Também, na solidão, de amor ferido.

36 –

*Gozemo-nos , Esposo,
Vamo-nos ver em tua formosura
Ao monte e cerro umbroso
Donde mana a água pura:
Entremos mais adentro na espessura.*

37 –

*E logo às mais erguidas
Cavernas do rochedo subiremos,
Que estão bem escondidas;
Ali logo entraremos
E o mosto das romãs saborearemos.*

38 –

*Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia,
E logo me darias,
Ó vida e alegria,
Aquilo que me deste noutro dia:*

39 –

*Da brisa o aspirar,
Da doce filomela a voz amena,
O souto de encantar,
Pela noite serena,
Com chama que consuma e não dá pena.*

40 –

*Ninguém isto alcançava
E nem Aminadab aparecia
E o cerco sossegava
E à vista descendia,
Das claras águas, a cavalaria.*

INTRODUÇÃO

1. – As canções iniciam-se no momento em que a alma começa a servir a Deus até que atinja o último estado de perfeição, que é o *matrimónio espiritual*.

Nesta obra, S. João da Cruz ocupa-se das três vias de exercício espiritual até que tal estado seja alcançado:

- a via purgativa;
- a via iluminativa; e
- a via unitiva.

2. – As canções iniciais dirigem-se aos principiantes da via purgativa. Seguem-se as dos iniciados – os *aproveitados, na terminologia do Santo* –, que respeitam à via iluminativa, onde ocorre o desposório matrimonial.

Depois, as da via unitiva, onde a alma já alcançou um verdadeiro estado de perfeição e se realiza no matrimónio espiritual.

As últimas canções são as do estado beatífico.

COMEÇA A DECLARAÇÃO DAS CANÇÕES DE AMOR ENTRE A ESPOSA E O ESPOSO (JESUS CRISTO)

1. ANOTAÇÃO

A alma começa a entender claramente qual o seu objectivo neste mundo.

Percebe que a vida é breve, estreita a senda que conduz à vida eterna e que apenas o justo se salva. Que as coisas do mundo mais não são do que perigosas ilusões, que o tempo é incerto e que tudo acaba. A perdição fácil e difícil a salvação. Que desperdiçou a maior parte da sua vida com futilidades, desejos e inquietações, afastando-se de Deus que dela se esconde.

Aí, começa a invocar o seu Amado dizendo:

CANÇÃO I

Onde é que tu, Amado,

Te escondeste deixando-me em gemido?

Fugiste como o veado

Havendo-me ferido;

Clamando eu fui por ti: tinhas partido!

2. – DECLARAÇÃO

Nesta primeira canção, a alma enamorada de Deus, queixa-se da sua ausência, o que obsta à união que tanto anseia, e assim diz:

Onde é que tu, Amado

Te escondeste...?

3. – Pede a alma a Deus que lhe mostre ou a encaminhe para o lugar onde se esconde.

Deus é verdadeiramente um Deus escondido (Isaías). Por outro lado, a grande dúvida da sua presença manifesta-se nas palavras de Job – *se a nós vier não o veremos, e se se for não o entenderemos.*

4. – Pode acontecer que a alma sinta uma grande notícia espiritual, mas nem por isso se há-de persuadir de imediato que o que sente ou possui é Deus, já que ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio diante de Deus (Ecl. IX, 1).

5. – Perante tal incerteza, a alma pede encarecidamente a Deus a clara presença e visão da sua essência.

6. – Para que não vagueie em sendas infrutíferas, a alma terá de reconhecer que Deus está escondido no seu íntimo ser. Assim, querendo-o encontrar, convirá abandonar todas as coisas segundo a afeição e vontade, entrando em recolhimento dentro de si mesma. Santo Agostinho afirmou que não encontrava Deus fora de si, porque mal o buscava; buscava-o fora quando Ele estava dentro.

Daqui decorre que Deus está escondido na alma.

7. – O Reino de Deus está dentro de nós (Lucas) e nós somos o templo desse Deus (S. Paulo).

Ele está em nós do mesmo modo que nós não podemos estar sem Ele.

8. – Grande é o contentamento da alma quando entende que Deus nunca dela se ausenta, esteja ou não no estado de graça.

Deseja Deus e adora-o na tua alma, diz-nos o Santo, porque se o fizeres fora de ti perder-te-ás. Mas, nunca olvides que embora esteja dentro de ti, está escondido.

9. – Se Deus está dentro de nós, como é que o não vemos? Ele está escondido e para o encontrar havemos também de entrar escondidos no seu esconderijo. Diz o Santo, que para o podermos encontrar devemos esquecer todas as nossas coisas, afastando-nos de tudo, inclusivamente das criaturas, escondendo-nos no nosso retiro interior do espírito, fechando a porta atrás de nós, abandonando a nossa vontade e recitando as nossas orações em segredo.

10. – Disse Isaías à alma, “anda, entra em teus retiros, cerra tuas portas sobre ti e esconde-te um pouco por um momento”. A alma “cerra as portas” a todas as suas potências e a todas as criaturas, escondendo-se por este momento da vida temporal quem quiser atingir a união. Desta forma, veremos Deus.

11. A fé são os pés com que a alma se dirige a Deus e o Amor é o guia que a encaminha.

12. Deus é inacessível e escondido, e por mais que te pareça que o tens e o sentes e o entendes, sempre o hás-de ter por escondido e o hás-de servir escondido, escondidamente.

deixando-me em gemido?

13. Chama-lhe Amado, porquanto Deus acode com maior presteza à alma que o ama. E a alma pode em verdade chamar-lhe Amado, quando está apenas com Ele, não estando apegada a nada que não seja Ele.

Não estando totalmente, deverá perseverar na oração, porque de Deus nada se alcança que não seja por intermédio do amor.

14. A ausência do Amado causa um contínuo gemido ao amante. Este, nada amando fora dele, nenhum alívio recebe e a vida torna-se bastas vezes insuportável.

Fugiste como o veado

15. Nos cantares, a Esposa (Alma) compara o Esposo ao veado, por ser algo estranho e solitário e por ter a virtualidade de se esconder e aparecer, tal como nas visitas que faz às almas e nas ausências que as faz

sentir após as visitas, para as submeter a regime de provação e ensinar.

Havendo-me ferido

16. O desejo ardente de ver o Amado faz com que aumente a paixão quando a alma o vê abandoná-la sem que nem muito nem pouco se deixe compreender.
17. As feridas de amor são provocadas por toques escondidos de amor, e que ao modo de dardos de fogo ferem e trespassam a alma, abrasando-a em fogo e chama de amor.
18. A alma por amor reduz-se a nada, nada sabendo senão amar, e julgando intolerável o rigor que o Amor usa para com ela. Não porque a tenha ferido, mas porque a deixou penando e muito sofrendo.
19. Por isso, diz a alma: deixando-me assim ferida, morrendo com feridas de amor por ti, te escondeste com a ligeireza de um veado. Esta dor aumenta nela a ânsia de ver Deus.

Clamando eu fui por ti: tinhas partido!

20. Nas feridas de amor a cura só pode ser realizada por quem feriu. Daí, clamar a alma pelo seu Amado.

21. A Esposa ficou ferida por não ter encontrado Deus e vai pensando na sua ausência, já que a Ele se havia entregue e não encontrou a esperada correspondência amorosa.
22. Este pesar e sentimento de ausência de Deus costuma ser tão grande nos que se vão aproximando do estado de perfeição, que se o Senhor lhes não acudisse, acabariam por morrer.

CANÇÃO II

Pastores que passardes

Lá por entre as malhadas ao Cabeço,

Se porventura achardes

Aquele que estremeço,

Que adoeço, lhe dizei, peno e feneço.

1. – DECLARAÇÃO

Nesta canção a alma com algum desespero procura aproveitar-se de mediadores para que dêem conhecimento ao seu Amado de sua dor e sofrimento. Assim lhes diz:

Pastores que passardes

2. – A alma chama pastores aos seus desejos, afectos e gemidos, dado que a apascentam de bens espirituais. No entanto, só os afectos e desejos que nascem do verdadeiro amor chegam a Deus.

Lá por entre as malhadas ao Cabeço,

3. – As malhadas são os coros de anjos, pelos quais de coro em coro vão os nossos gemidos e orações a Deus.

Se porventura achardes

4. – Com isto quer o Santo dizer: se por minha boa sorte e ventura chegardes à sua presença, de forma a que Ele vos possa ver e ouvir. Atente-se que Deus acode às nossas súplicas, não em função dos nossos desejos, mas em tempo oportuno.

Aquele que estremeço

5. – É aquele a quem a alma quer mais do que tudo.

Que adoço, lhe dizei, peno e feneço.

6. – A alma apresenta três necessidades: doença, pena e morte. E padece de três maneiras segundo as suas três potências: entendimento, vontade e

memória. Acerca do entendimento diz que adocece, porque não vê Deus – *saúde da alma*. Acerca da vontade diz que pena porque não vê Deus – *deleite da vontade*. E acerca da memória diz que fenece, porque recordando a falta de entendimento e dos deleites da vontade, teme perdê-lo o que se consubstancia na sua morte.

7. – Estas três necessidades e penas estão fundadas nas três virtudes teologais: fé, caridade e esperança, respeitando o entendimento à primeira, a vontade à segunda e por último, a memória à terceira.

8. – A alma ao representar as suas três necessidades, é como se dissera: Dizei a meu Amado, que, já que adoço e só Ele é a minha saúde, que me dê a minha saúde; e já que peno e só Ele é o meu gozo, que me dê o meu gozo; e já que feneço e só Ele é a minha vida, que me dê vida.

CANÇÃO III

Buscando meus amores

Irei por esses montes e ribeiras

Nem colherei as flores

Nem temerei as feras

E passarei os fortes e as fronteiras

1. – DECLARAÇÃO

A alma apercebe-se de que para encontrar o Amado não lhe bastam gemidos, orações ou ajuda de terceiros, como ficou exposto nas canções anteriores.

Buscando meus amores

2. – A alma convence-se de que para atingir Deus tem de se esforçar para além da simples oração e da intercessão de outrem.

3. – Terá de sair do reduto da sua própria vontade e do seu próprio gosto.

Irei por esses montes e ribeiros

4. – Dirigirá o seu esforço para as virtudes, exercitando a vida contemplativa, mortificar-se-á e não abandonará nunca os exercícios espirituais. Entende que o caminho por onde se busca Deus é o de praticar em Deus o bem e mortificar em si o mal.

Nem colherei flores

5. – Não colherá as flores que encontrar no caminho para Deus. Não porá o seu coração na riqueza e bens que o mundo lhe oferece, não admitirá os contentamentos e deleites da carne, nem deverá ater-se aos gostos e consolos do espírito.

Nem temerei as feras

E passarei os fortes e fronteiras

6. – Mencionam-se aqui os três inimigos da alma: mundo (feras), demónio (fortes) e carne (fronteiras).

10. – À alma convém no seu percurso, não colher as flores, ânimo para não temer as feras e forças para passar por fortes e fronteiras, indo pelos montes e ribeiras da virtude.

CANÇÃO IV

Ó bosques e espessuras

Plantados pela mão do meu Amado,

Ó prado de verduras,

De flores esmaltado,

Dizei-me, se por vós terá passado?

1. – DECLARAÇÃO

Depois de entender o modo como deve começar o caminho, não se detendo em deleites e gozos, e das forças necessárias para vencer as tentações e dificuldades, no que consiste o exercício do conhecimento próprio, a alma, nesta canção, trilha a vereda do conhecimento do Amado, que a criou. Depois do exercício do conhecimento próprio, o conhecimento das criaturas é o primeiro na ordem do percurso espiritual que aspira a Deus.

Ó bosques e espessuras

2. – O Santo chama bosques aos quatro elementos, terra, água, fogo e ar, e espessuras à imensidão das criaturas.

Plantados pela mão do meu Amado,

3. – Não obstante Deus faça muitas coisas por mão alheia, como pela dos Anjos e dos homens, a criação é obra totalmente sua.

Ó prado de verduras,

4. – Aqui, refere-se ao céu, cujas coisas, tais como planetas e estrelas, não fenecem nem murcham no tempo.

De flores esmaltado

- 6 – O prado de flores está também de flores esmaltado, entendendo por flores os anjos e as almas santas.

CANÇÃO V

Mil graças derramando
Prestes passou dos sutos p'la espessura
E enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
Vestidos os deixou de formosura.

1. – DECLARAÇÃO

Nesta canção são as criaturas que respondem à alma, conhecendo em substância que Deus criou todas as coisas do nada, dotando-as de graças e virtudes e aformoseando-as de uma ordem admirável.

Mil graças derramando

2. – Por “mil graças” entende a multidão de criaturas, que dotadas de múltiplas graças povoaram o mundo, ou foram “derramadas” no mundo.

E enquanto os ia olhando

Só com sua figura

Os deixou vestidos de formosura.

3. – Poderá dizer-se que as criaturas foram totalmente vestidas de formosura e dignidade.

1. – ANOTAÇÃO DA CANÇÃO SEGUINTE

A alma, chagada em amor por este rastro de formosura do Amado que conheceu nas criaturas, em ânsias de ver aquela invisível formosura, que esta visível formosura causou, diz a seguinte canção:

CANÇÃO VI

Ah! quem poderá sarar-me?!

Acaba de entregar-te sem rodeio;

Não queiras enviar-me

Mensageiro entremeio,

Que não sabem dizer-me o que eu anseio.

2. – DECLARAÇÃO

Dando as criaturas à alma sinais do Amado, aumentou-se-lhe o amor, e em consequência cresceu a dor da ausência. Quanto mais a alma conhece a Deus, tanto mais lhe cresce o apetite e ânsia de o ver.

Acaba de entregar-te sem rodeio;

3. – Qualquer alma que ama de verdade não se pode querer satisfazer nem contentar enquanto não possuir de veras a Deus, já que todas as outras coisas não só a não satisfazem como também lhe aumentam as ânsias de o ver.

Não queiras enviar-me

Mensageiro entremeio,

6 – A alma pede a Deus que se entregue, dando-se todo ao todo da alma, para que esta o tenha todo, sem que lhe envie mais mensageiro.

CANÇÃO VII

E todos quantos vagam

De Ti me vão mil graças relatando,

Mas todos mais me chagam

E mais me vai matando

Um não sei quê que ficam balbuciando.

1. – DECLARAÇÃO

Na canção anterior a alma mostrou estar ferida de amor pelo seu Esposo, em virtude das notícias que lhe foram sido dadas d'Ele, pelas criaturas irracionais. Nesta canção são mais subidas as notícias. Recebe-as por intermédio das criaturas racionais, que são os anjos e os homens. Diz ainda, que está a morrer de amor – *fica morrendo de amor, e mais morre vendo que não acaba de morrer de amor.*

E todos quantos vagam

6 – São os anjos e os homens.

De Ti me vão mil graças relatando,

7 - Umas dando-nos a entender interiormente coisas da graça de Deus (por intermédio dos anjos), e outras, exteriormente, pelas verdades do Livro Sagrado.

E mais me vai matando

Um não sei quê que ficam balbuciando.

9 – Aqui é como se a alma dissesse: mas além do que estas criaturas me chagam pelas mil graças que de Ti me dão a entender, é tal o “não sei quê” que se sente ficar por dizer, e uma coisa que se conhece ficar por descobrir, e um subido rastro de Deus que se descobre à alma e que fica por rastrear, e um altíssimo entender de Deus que não se sabe dizer, por isso lhe chama “não sei quê”, que, se o que entendo me chaga e fere de amor, isto que não acabo de entender, mas que altamente sinto, me mata.

1 – ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

A alma na próxima canção aumenta as suas queixas e fala com a vida da sua alma, dizendo:

CANÇÃO VIII

*Mas como perseveras,
Ó vida, não vivendo aonde deves,
Matando-te deveras
As setas que recebes
Daquilo que do Amado em ti concebes?*

2. – DECLARAÇÃO

O sentido desta canção é o que se segue: Vida da minha alma, como podes perseverar nesta vida de carne, pois te é morte e privação daquela vida verdadeira espiritual de Deus, em que por essência, amor e desejo mais verdadeiramente que no corpo vives?

*Mas como perseveras,
Ó vida, não vivendo aonde deves,*

3. – A alma vive mais onde ama que no corpo que anima, porque no corpo ela não tem a sua vida, antes ela a dá ao corpo e vive por amor no que ama. Como anota S. Paulo, “em Deus temos nossa vida, nosso movimento e nosso ser”.

*Matando-te deveras
As setas que recebes*

4. – As setas são os toques de amor que nela faz o Amado, que a fecundam de inteligência e amor de Deus.

CANÇÃO IX

*Porquê, tendo chagado
Meu pobre coração, o não saraste?
Depois de o ter roubado,
Porque assim o deixaste
E não tomas o roubo que roubaste?*

2 – DECLARAÇÃO

Nesta canção a alma continua a apresentar ao Amado as queixas de sua extrema dor.

*Porquê, tendo chagado
Meu pobre coração, o não saraste?*

3 – Não se queixa a alma de ter sido chagada, porque as feridas de amor são doces e saborosas, mas queixa-se do Amado a não *matar de amor*. É como se dissesse: Porque é que, pois o feriste até o chagar, não o saras, acabando de o matar de amor? Aí o Amado seria a causa da saúde da alma em morte de amor.

*Depois de o ter roubado,
Porque assim o deixaste*

4 – Roubar não é outra coisa senão desapossar do seu a seu dono e apossar-se disso o seu roubador.

5 – A alma enamorada diz ter o coração roubado por aquele a quem ama, não tendo coração para si, nem gosto ou proveito, mas para honra e glória do Amado.

6 – E apercebe-se de que o coração está bem roubado por Deus, quando vive anseios por Ele e não gosta de nada mais para além d'Ele. Deus deixando-o vazio e faminto, deixa-o chagado e doente de amor.

E não tomas o roubo que roubaste?

7 – Com isto quer o Santo dizer: porque não tomas o coração que roubaste por amor, para o encher e fartar, e acompanhar e sarar, dando-lhe assento e repouso completo em Ti?

CANÇÃO X

*Apaga-me a tristeza,
Que mais ninguém me pode aqui valer.
E veja tua beleza
Que é luz dos olhos meus*

E para ela só os quero ter.

4 – DECLARAÇÃO

Nesta canção pede ao Amado que ponha termo às suas ânsias e penas, pois só Ele será capaz de o fazer, de forma a que o possam ver os olhos da sua alma, porque só Ele é a luz com que os olhos vêem, e sem ser n'Ele ela não os quer empregar em outra coisa qualquer.

CANÇÃO XI

*Mostra tua presença,
Mate-me a tua vista e formosura;
Olha que esta doença
De amor, já não se cura,
Senão com a presença e co'a figura.*

2 – DECLARAÇÃO

Deseja a alma ver-se possuída por Deus, já que pena e persevera no seu amor, sem que possa ter remédio que não seja na gloriosa vista da sua divina essência.

CANÇÃO XII

*Ó fonte cristalina,
Se eu, nesses teus semblantes prateados,
Visse, ó fonte divina,
Os olhos desejados
Que trago nas entranhas esboçados!...*

2 – DECLARAÇÃO

A alma continua a desejar a união com o Esposo, mas não encontrando meio ou remédio entre as criaturas, volta-se para a fé, na esperança de que esta lhe dê luz sobre o seu Amado.

POESIA COMPLETA DE SÃO JOÃO DA CRUZ

PARA VIR A GOSTAR DE TUDO

*Para vir a gostar tudo,
Não queiras ter gosto em nada.
Para vir a saber tudo,
Não queiras saber algo em nada.
Para vir a possuir tudo,
Não queiras possuir algo em nada.*

*Para vir ao que não gostas,
Hás-de ir por onde não gostas.
Para vir ao que não sabes,
Hás-de ir por onde não sabes,
Para vir a possuir o que não possuis,
Hás-de ir por onde não possuis.
Para vir ao que não és,
Hás-de ir por onde não és.*

*Quando reparas em algo,
Deixas de arrojarte ao todo.
Para vir de todo ao todo,
Hás-de deixar-te de todo em tudo.
E quando o venhas de todo a ter,
Hás-de tê-lo sem nada querer.*

CANÇÕES DA ALMA

*Em uma noite escura
Com ânsias em amores inflamada,
Ó ditosa ventura!
Sai sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.*

*Às escuras, segura,
Pela secreta escada disfarçada,
Ó ditosa ventura!
Em trevas e em celada,
Estando já minha casa sossegada.*

*Nessa noite ditosa,
Em segredo, porque ninguém me via,
Nem via eu qualquer cousa,
Sem outra luz nem guia
Excepto a que no coração ardia.*

*Mas esta me guiava
Mais certa do que a luz do meio-dia,
Aonde me esperava
Quem eu para mim sabia,
Em parte onde ninguém morar parecia.*

*Ó noite que guiaste,
Ó noite amável mais do que a alvorada:
Ó noite que juntaste
Amado com amada,
A amada no Amado transformada!*

*Em meu peito florido
Que só para ele inteiro se guardava,
Ficou adormecido,
E eu o acariciava
E o abanar dos cedros refrescava.*

*Da ameia a brisa amena,
Quando eu seus cabelos afagava,
Com sua mão serena
No colo me tocava,
E os sentidos suspensos me deixava.*

*Fiquei-me e esqueci-me,
O rosto reclinado sobre o Amado,
Cessou tudo e rendi-me,
Deixando meu cuidado
Em meio de açucenas olvidado.*

CÂNTICO ESPIRITUAL CANÇÕES ENTRE A ALMA E O ESPOSO

Esposa

*Onde é que tu, Amado,
Te escondeste deixando-me em gemido?
Fugiste como o veado,
Havendo-me ferido;
Clamando eu fui por ti; tinhas partido!*

*Pastores que passardes
Lá por entre as malhadas ao Cabeço,
Se porventura achardes
Aquele que estremeço,
Que adoço, lhe dissei, peno e feneço.*

*Buscando meus amores
Irei por esses montes e ribeiras,
Nem colherei as flores,
Nem temerei as feras
E passarei os fortes e fronteiras.*

Pergunta às criaturas

*Ó bosques e espessuras
Plantados pela mão do meu Amado,
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me, se por vós terá passado?*

Resposta das criaturas

*Mil graças derramando
Prestes passou dos soutos pela espessura
E enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
Vestidos os deixou de formosura.*

Esposa

*Ah! Quem poderá sarar-me?
Acaba de entregar-te sem rodeio;
Não queiras enviar-me
Mensageiro entremeio,
Que não sabem dizer-me o que eu anseio.*

*E todos quantos vagam
De Ti me vão mil graças relatando,
Mas todos mais me chagam
E mais me vai matando
Um não sei quê que ficam balbuciando.*

*Mas como perseveras,
Ó vida, não vivendo aonde deves,
Matando-te deveras
As setas que recebes
Daquilo que do Amado em ti concebes?*

*Porquê, tendo chagado
Meu pobre coração, o não saraste?
Depois de o ter roubado,
Porque assim o deixaste
E não tomas o roubo que roubaste?*

*Apaga-me a tristeza,
Que mais ninguém me pode aqui valer;*

*E veja tua beleza
Que é luz dos olhos meus
E para ela só os quero ter.*

*Mostra tua presença
Mate-me a tua vista e formosura;
Olha que esta doença
De amor, já não se cura,
Senão com a presença e com a figura.*

*Ó fonte cristalina,
Se eu, nesses teus semblantes prateados,
Visse, ó fonte divina,
Os olhos desejados
Que trago nas entranhas esboçados!...*

*Aparta-os, Amado,
Que o voo levanto.*

Esposo

*Volve já, ó pomba
Que o cervo vulnerado
Por sobre o outeiro assoma
Ao ar desse teu voo, e o fresco toma.*

Esposa

*Meu Amado, as montanhas,
Os vales solitários, nemorosos,
As ínsulas estranhas,
Os rios rumorosos
O sibilo dos ares amorosos;*

*A noite sossegada
Tocando já com o surgir da aurora,
A música calada,
A solidão sonora,
A ceia que recreia e enamora...*

*Caçai-nos as raposas,
Que a nossa vinha já se encontra em flor,
E tantas são as rosas,*

*Que em pinha as vamos pôr;
No cimo ninguém surja, por favor.*

*Detém-te bóreas morto,
Vem austro, que recordas os amores,
Aspira por meu horto,
E corram teus olores
E o Amado pascerá por entre as flores.*

*Ó ninfas da Judeia,
Enquanto nos rosais e dentre as flores
O âmbar nos recreia,
Morai nos arredores
Nem cheguem aos umbrais vossos rumores.*

*Esconde-te, meu Bem,
E volta a tua face para as montanhas;
Sem o saber ninguém,
E olha para as companhas
Da que por ilhas anda, as mais estranhas.*

*A vós, aves ligeiras,
Leões, cervos e gamos saltadores,
Montes, vales, ribeiras,
Águas, ares, ardores,
Mais os medos das noites, veladores.*

*Pelas amenas liras
E canto de sereias vos conjuro,
Que cessem vossas iras
E não toqueis no muro,
Para que a Esposa durma mais seguro.*

*E já entrou a Esposa
Para dentro do horto ameno desejado
E a seu sabor repousa
O colo reclinado
Sobre os braços dulcíssimos do Amado.*

*Sob a árvore de Adão
Ali comigo foste desposada,
Ali te dei a mão
E foste resgatada*

Lá onde tua mãe fora violada.

*Nosso leito florido
De covas de leões entrelaçado,
Em púrpura estendido,
De paz edificado,
De mil escudos de oiro coroado...*

*Discorrem as donzelas,
Sobre as tuas pegadas, no caminho;
Ao toque das centelhas
E ao temperado vinho,
Dão-te aromas de bálsamo divino.*

*Bebi do meu Amado
Na adega interior; quando saía
Por todo aquele prado
Já nada conhecia
E o rebanho deixei que antes seguia.*

*Ali me deu seu peito
E ciência me ensinou muito saborosa,
E a Ele, dom perfeito
De mim, Lhe fiz gostosa
E ali lhe prometi ser sua esposa.*

*De alma me consagrei
Ao seu serviço e todo o meu haver;
E já não guardo a grei,
Nem tenho outro mister:
Pois já somente amar é meu viver.*

*Se pois, no eido entretida
Não mais eu já for vista nem achada,
Direis que estou perdida,
Que andando enamorada
Perdidiça me fiz, e estou lucrada.*

*De flores e esmeraldas
Pela frescura das manhãs colhidas
Faremos as grinaldas
Em teu amor floridas
E num cabelo meu entretecidas.*

*Aquele só cabelo,
Que em meu colo voar tu advertiste,
Viste em meu colo, e, ao vê-lo,
Preso nele Te viste
E num só dos meus olhos te feriste.*

*E quando tu me olhavas,
Sua graça em mim teus olhos imprimiam:
Por isso mais me amavas
E nisso mereciam
Meus olhos adorar o que em Ti viam.*

*Não queiras desprezar-me,
Que se morena cor em mim achaste,
Já bem podes olhar-me,
Depois que Tu me olhaste,
Pois graça e formosura em mim deixaste.*

*A cândida pombinha
À arca com o ramo regressou
E já a rolazinha
Ao sócio que esperou
Junto às ribeiras verdes encontrou.*

*Em solidão vivia,
Seu ninho em solidão pôs escondido,
Na solidão a guia
A só o seu Querido,
Também, na solidão, de amor ferido.*

*Gozemo-nos , Esposo,
Vamo-nos ver em tua formosura
Ao monte e cerro umbroso
Donde mana a água pura:
Entremos mais adentro na espessura.*

*E logo às mais erguidas
Cavernas do rochedo subiremos,
Que estão bem escondidas;
Ali logo entraremos
E o mosto das romãs saborearemos.*

*Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia,
E logo me darias,
Ó vida e alegria,
Aquilo que me deste noutro dia:*

*Da brisa o aspirar,
Da doce filomela a voz amena,
O souto de encantar,
Pela noite serena,
Com chama que consuma e não dá pena.*

*Ninguém isto alcançava
E nem Aminadab aparecia
E o cerco sossegava
E à vista descendia,
Das claras águas, a cavalaria.*

CANÇÕES QUE FAZ A ALMA NA ÍNTIMA UNIÃO COM DEUS

*Ó chama de amor viva!
Que ternamente ferres
Da minha alma no centro mais profundo!
Pois já não és esquiva,
Acaba já, se queres;
Rompe a teia de encontro tão jucundo.*

*Ó cautério suave!
Ó saborosa chaga!
Ó branda mão! Ó toque delicado
Que a vida eterna sabe,
E quanto deve paga!
Matando, morte em vida tens trocado.*

*Ó lâmpadas brilhantes!
Em cujos resplendores
As profundas cavernas do sentido,*

*Escuro e cego, dantes,
Com estranhos primores
Calor e luz dão junto ao seu Querido!*

*Que manso e que amoroso
Acordas em meu seio
Onde tu só secretamente moras:
Nesse aspirar gozoso
De bem e glória cheio
Quão delicadamente me enamoras!*

COPLAS DA ALMA QUE PENA POR NÃO VER A DEUS

*Vivo sem viver em mim
E de tal maneira espero
Que morro porque não morro*

*Em mim eu não vivo já,
E sem Deus viver não posso;
Pois sem ele e sem mim quedo,
Este viver que será?
Mil mortes se me fará,
Pois minha mesma vida espero,
Morrendo porque não morro.*

*Esta vida que aqui vivo
É privação de viver;
E assim, é contínuo morrer
Até que viva contigo.
Ouve, meu Deus, o que digo,
Que esta vida não a quero
Pois morro porque não morro.*

*Ausente estando eu de ti,
Que vida poderei ter
Senão morte padecer*

A maior que jamais vi?
Pena e dó tenho de mim,
Pois se assim eu persevero,
Morrerei porque não morro.

O peixe que da água sai
Nenhum alívio carece
Que na morte que padece,
Alfim a morte lhe vale.
Que morte haverá que se iguale
Ao meu viver lastimoso
Pois se mais vivo, mais morro?

Quando penso aliviar-me
Vendo-te no Sacramento,
Faz-se em mim mais sentimento
De não poder-te gozar;
Tudo é para mais penar,
Por não ver-te como quero,
E morro porque não morro.

Se me deleito, Senhor,
Com a esperança de ver-te,
Vendo que posso perder-te
Redobra-se em mim a dor;
Vivendo em tanto temor
E esperando como espero,
Morro sim, porque não morro.

Livra-me já desta morte,
Meu Deus, entrega-me a vida;
Não ma tenhas impedida
Por este laço tão forte;
Olha que peno por ver-te,
O meu mal é tão inteiro,
Que morro porque não morro.

Chorarei já minha morte
Lamentarei minha vida,
Enquanto presa e retida
Por meus pecados está.
Oh! Meu Deus! Quando será
Que eu possa dizer deveras:

Vivo já porque não morro?

CANTAR DA ALMA QUE GOZA POR CONHECER A DEUS PELA FÉ

Que bem sei eu a fonte que mana e corre mesmo de noite.

Aquela eterna fonte está escondida,
Mas eu bem sei onde tem a sua guarida,
Mesmo de noite.

Sua origem não a sei, pois não a tem,
Mas sei que toda a origem dela vem,
Mesmo de noite.

Sei que não pode haver coisa tão bela,
E que os céus e a terra bebem dela,
Mesmo de noite.

Eu sei que nela o fundo não se pode achar,
E que ninguém pode nela a vau passar,
Mesmo de noite.

Sua claridade nunca é obscurecida,
E sei que toda a luz dela é nascida,
Mesmo de noite.

Sei que tão caudalosas são suas correntes,
Que céus e infernos regam, e as gentes,
Mesmo de noite.

A corrente que desta fonte vem
É forte e poderosa, eu sei-o bem,
Mesmo de noite.

A corrente que destas duas procede,
Sei que nenhuma delas a precede,

Mesmo de noite.

Aquela eterna fonte está escondida
Neste pão vivo para dar-nos vida,
Mesmo de noite.

De lá está chamando as criaturas,
Que nela se saciam às escuras,
Porque é de noite.

Aquela viva fonte que desejo,
Neste pão de vida já a vejo,
Mesmo de noite.

ROMANCE SOBRE O EVANGELHO «IN PRINCIPIO ERAT VERBUM», ACERCA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

*No princípio morava
O Verbo, e em Deus vivia,
Nele sua felicidade
Infinita possuía.
O mesmo Verbo Deus era,
E o princípio se dizia.
Ele morava no princípio,
E princípio não havia.
Ele era o mesmo princípio;
Por isso dele carecia.
O Verbo se chama Filho,
Pois do princípio nascia.
Ele sempre o concebeu,
E sempre o conceberia.
Dá-lhe sempre sua substância
E sempre a conservaria.
E assim, a glória do Filho
É a que no Padre havia;
E toda a glória do Padre
No seu Filho a possuía.*

*Como amado no amante
Um no outro residia,
E esse amor que os une
No mesmo coincidia
Com o de um e com o de outro
Em igualdade e valia.
Três pessoas e um amado
Entre todos três havia;
E um amor em todas elas
E um só amante as fazia,
E o amante é o amado
Em que cada qual vivia;
Que o ser que os três possuem,
Cada qual o possuía,
E cada qual deles ama
À que este ser recebia.
Este ser é cada uma,
E este só as unia
Num inefável abraço
Que dizer-se não podia.
Pelo qual era infinito
O amor que os unia,
Porque o mesmo amor três têm,
E sua essência se dizia:
Que o amor quanto mais uno,
Tanto mais amor fazia.*

Da comunicação das Três Pessoas

*E naquele amor imenso
Que de ambos procedia,
Palavras de grande gozo
O Padre ao Filho dizia,
De tão profundo deleite,
Que ninguém as entendia;
Somente o Filho as gozava,
Pois a ele pertencia.
Mas naquilo que se entende
Desta maneira dizia:
- Nada me contenta, Filho,
fora da tua companhia.
E se algo me contenta,
Em ti mesmo o quereria.*

*O que a ti mais se parece,
A mim mais satisfazia;
E o que em nada te assemelha,
Em mim nada encontraria.
Só de ti eu me agradei
Ó vida da vida minha!
És a luz da minha luz.
És minha sabedoria;
Figura da minha substância,
Em quem bem me comprazia.
Ao que a ti te amar, meu Filho,
A mim mesmo me daria,
E o amor que eu em ti tenho,
Nele mesmo eu o poria,
Por razão de ter amado
Aquele a quem tanto queria.*

Da Criação

*Uma esposa que te ame,
Meu Filho, dar-te queria,
Que por teu valor mereça
Estar em nossa companhia,
E comer pão numa mesa
Do mesmo que eu comia,
Para que conheça os bens
Que em tal Filho eu possuía.
E se congregate comigo
Por tua graça e louçania.
- Muito te agradeço, Padre,
- O Filho lhe respondia -.
À esposa que me deres,
Minha claridade eu daria,
Para que por ela veja
Quanto meu Padre valia,
E como o ser que possuo
Do seu ser o recebia.
A encostarei ao meu braço,
E em teu amor se abrasaria,
E com eterno deleite
Tua bondade exaltaria.*

Prossegue

- Faça-se, pois – disse o Padre -
Que o teu amor o merecia.
E neste dito que disse,
O mundo criado havia;
Um palácio para a esposa,
Feito em grande sabedoria;
O qual em dois aposentos,
Alto e baixo dividia.
O baixo que diferenças
Infinitas possuía;
Mas o alto requintava
De admirável pedraria,
Para que conheça a esposa
O Esposo que possuía.
No mais alto colocava
A angélica hierarquia;
Mas a natureza humana
No inferior a poria,
Por ser sua compleição
Algo de menor valia.
E embora o ser e os lugares
Desta sorte os repartia;
Eram todos um só corpo
Da esposa que dizia,
Que o amor dum mesmo Esposo
Uma esposa os fazia.
Os de cima possuíam
O Esposo na alegria,
Os de baixo em esperança
Da fé que lhes infundia,
Dizendo-lhes que a seu tempo
Ele os engrandeceria,
E aquela sua baixeza
Ele lha levantaria,
De maneira que ninguém
Jamais a insultaria;
Porque em tudo semelhante
Ele a eles se faria
E viria ter com eles,
E com eles moraria;
E que Deus seria homem,
E que o homem Deus seria,

*E trataria com eles,
Comeria e beberia;
E para sempre com eles
O mesmo se ficaria
Até que se consumasse
Este tempo que corria,
E que juntos se gozassem
Em eterna melodia;
Porque ele era a cabeça
Da esposa que possuía,
À qual todos os membros
Dos justos ajuntaria,
Porque são corpo da esposa,
A quem ele tomaria
Em seus braços ternamente,
E ali seu amor lhe daria;
E que assim juntos num só
Ao Padre a levaria,
Donde do mesmo deleite
Que Deus goza, gozaria;
Que, como o Padre e o Filho
E o que deles procedia
Como um vive no outro,
Assim a esposa seria,
Que dentro de Deus absorta,
Vida de Deus viveria.*

Prossegue

*Com esta bendita esperança
Que de cima lhes viria,
O peso dos seus trabalhos
Mais leve se lhes fazia;
Mas a prolongada espera
E o desejo que crescia
De gozar-se com o Esposo
De contínuo os afligia.
Por isso com orações,
Com suspiros e agonia,
Com lágrimas e com gemidos
Lhe rogavam noite e dia
Que já se determinasse
A fazer-lhes companhia.*

*Uns diziam: Oh! Se fosse
No meu tempo essa alegria!;
Outros: Acaba, Senhor,
Ao que hás-de enviar, envia;
Outros: Oh! Se já rompesses
Esses céus, eu já veria
Com meus olhos que descesses,
E meu pranto cessaria!
Regai, ó nuvens do alto,
Porque a terra to pedia,
E abra-se já a terra
Que espinhos nos produzia,
E produz aquela flor
Com que ele floresceria.
Outros diziam: Oh! Ditoso
Quem em tal tempo vivia,
Que mereça ver a Deus
Com os olhos que possuía,
Tratá-lo com suas mãos,
Estar em sua companhia,
E disfrutar os mistérios
Que ele então ordenaria!*

Prossegue

*Em estes e outros rogos
Muito tempo passaria;
Porém nos últimos anos
O fervor muito crescia,
Quando o velho Simeão
Em desejos se acendia,
Rogando a Deus que quisesse
Deixá-lo ver esse dia.
E assim o Espírito Santo
Ao bom velho respondia
Dando-lhe sua palavra
De que a morte não veria
Até que chegasse a vida
Que do alto desceria,
E que ele em suas mãos
Ao mesmo Deus tomaria,
E o teria nos seus braços
E consigo o abraçaria.*

Prossegue a encarnação

*Já que o tempo era chegado
Em que fazer-se devia
O resgate da esposa
Que em duro jugo servia,
Debaixo daquela lei
Que Moisés dado lhe havia,
O Padre com amor terno
Desta maneira dizia:
- Já vês, Filho, que tua esposa
à tua imagem feito havia,
e no que a ti se parece
contigo coincidia;
mas é diferente na carne,
que em teu simples ser não havia.
Pois nos amores perfeitos
Esta lei se requeria,
Que se torne semelhante
O amante a quem queria,
Porque a maior semelhança
Mais deleite caberia;
O qual, por certo, em tua esposa
Grandemente cresceria
Se te visse semelhante
Na carne que possuía.
- Minha vontade é a tua
- O Filho lhe respondia -
e a glória que eu tenho
é a tua vontade ser minha;
e a mim me agrada, Padre,
o que tua Alteza dizia,
porque por esta maneira
tua bondade se veria;
ver-se-á teu grande poder,
justiça e sabedoria;
irei a dizê-lo ao mundo
e notícia lhe daria
de tua beleza e doçura,
de tua soberania.
Irei buscar minha esposa
E sobre mim tomaria*

*Suas fadigas e dores
Em que tanto padecia;
E para que tenha vida,
Eu por ela morreria,
E tirando-a das profundas,
A ti a devolveria.*

Prossegue

*Então chamou um arcanjo
Que São Gabriel se dizia,
Enviou-o a uma donzela
Que se chamava Maria,
De cujo consentimento
O mistério dependia;
Na qual a Santa Trindade
De carne ao Verbo vestia;
E embora dos três a obra
Somente num se fazia;
Ficou o Verbo encarnado
Nas entranhas de Maria.
E o que então só tinha Padre
Já Madre também teria,
Embora não como outra
Que de varão concebia,
Porque das entranhas dela
Sua carne recebia;
Pelo qual Filho de Deus
E do Homem se dizia.*

Do Nascimento

*Quando foi chegado o tempo
Em que de nascer havia,
Assim como o desposado,
Do seu tálamo saía
Abraçado a sua esposa,
Que em seus braços a trazia;
Ao qual a bendita Madre
Em um presépio poria
Entre pobres animais
Que então por ali havia.
Os homens davam cantares,*

*Os anjos a melodia,
Festejando o desposório
Que entre aqueles dois havia.
Deus, porém, em o presépio
Ali chorava e gemia;
Eram jóias que a esposa
Ao desposório trazia;
E a Madre se assombrava
Da troca que ali se via:
O pranto do homem em Deus,
E no homem a alegria;
Coisas que num e no outro
Tão diferentes ser soía.*

Finis

OUTRO DO MESMO QUE VAI POR «SUPER FLUMINA BABYLONIS»

*Por sobre aquelas correntes
Que em Babilónia encontrava,
Ali me sentei chorando,
Ali a terra regava,
Recordando-me de ti,
Ó Sião, a quem amava.
Tua lembrança era doce,
E com ela mais chorava.
Deixei os trajos de festa,
Os de trabalho tomava,
Pendurei nos salgueirais
A música que levava,
Colocando-a na esperança
Daquilo que em ti esperava.
Ali me feriu o amor,
E o coração me arrancava.
Disse-lhe que me matasse,
Pois de tal sorte chagava.*

*Eu me metia em seu fogo,
Sabendo que me abrasava,
Desculpando a mariposa
Que no fogo se acabava.
Estavam-me consumindo,
E só em ti respirava.
Em mim, por ti, eu morria
E por ti ressuscitava;
Porque a lembrança de ti
Dava vida e a tirava.
Finava-me por finar-me
E a vida me matava,
Porque ela perseverando,
De ver-te, a mim, me privava.
Mofavam os estrangeiros
Entre os quais cativo estava.
Pensava como não viam
Que o gozo os enganava.
Pediam-me eles cantares
Dos que em Sião eu cantava:
- Canta de Sião um hino;
para vermos como soava.
- Dizej, como em terra alheia
onde por Sião chorava
cantarei eu a alegria
que eu em Sião disfrutava?;
no olvido a deixaria
se em terra alheia gozava.
Com meu palato se junte
A língua com que falava,
Se de ti eu me olvidar
Na terra onde morava.
Sião, pelos verdes ramos
Que Babilónia me dava
Olvide-me a minha destra,
Coisa que em ti mais amava,
Se de ti não me lembrar
No que mais gosto me dava,
E se eu tivesse festa
E sem ti a festejava.
Oh! Filha de Babilónia,
Mísera e desventurada!
Bem-aventurado era*

*Aquele em quem confiava,
Que te há-de dar o castigo
Que da tua mão levava;
E juntará os seus filhos
E a mim, que em ti chorava,
À pedra, que era Cristo,
Pelo qual eu te deixava.*

Debetur soli gloria vera Deo!

COPLAS DO MESMO SOBRE UM ÊXTASE DE ALTA CONTEMPLAÇÃO

*Entrei aonde não soube
E quedei-me não sabendo
Toda a ciência transcendendo*

*Eu não soube aonde entrava,
Porém, quando ali me vi,
Sem saber aonde estava,
Grandes coisas entendi;
Não direi o que senti,
Que me quedei não sabendo,
Toda a ciência transcendendo.*

*De paz e de piedade
Era a ciência perfeita,
Em profunda soledade
Entendida (via recta);
Era coisa tão secreta,
Que fiquei como gemendo,
Toda a ciência transcendendo.*

*Estava tão embevecido,
Tão absorto e alheado,
Que se quedou meu sentido*

De todo o sentir privado,
E o espírito dotado
De um entender não entendendo,
Toda a ciência transcendendo.

O que ali chega deveras
De si mesmo desfalece;
Quanto sabia primeiro
Muito baixo lhe parece,
E seu saber tanto cresce,
Que se queda não sabendo,
Toda a ciência transcendendo.

Quanto mais alto se sobe,
Tanto menos se entendia,
Como a nuvem tenebrosa
Que na noite esclarecia;
Por isso quem a sabia
Fica sempre não sabendo,
Toda a ciência transcendendo.

Este saber não sabendo
É de tão alto poder,
Que os sábios discorrendo
Jamais o podem vencer,
Que não chega o seu saber
A não entender entendendo,
Toda a ciência transcendendo.

E é de tão alta excelência
Aquele sumo saber,
Que não há arte ou ciência
Que o possam apreender;
Quem se soubera vencer
Com um não saber sabendo,
Irá sempre transcendendo.

E se o quiserdes ouvir,
Consiste esta suma ciência
Em um subido sentir
Da divinal Essência;
É obra da sua clemência
Fazer quedar não entendendo,

Toda a ciência transcendendo.

OUTRAS CANÇÕES AO DIVINO DE CRISTO E A ALMA

*Um Pastorinho, só, está penando,
Privado de prazer e de contento,
Posto na pastorinha o pensamento,
Seu peito de amor ferido, pranteando.*

*Não chora por tê-lo o amor chagado,
Que não lhe dói o ver-se assim dorido,
Embora o coração esteja ferido,
Mas chora por pensar que é olvidado.*

*Que só o pensar que está esquecido
Por sua bela pastora, é dor tamanha,
Que se deixa maltratar em terra estranha,
Seu peito por amor muito dolorido.*

*E disse o Pastorinho: Ai, desditado!
De quem do meu amor se faz ausente
E não quer gozar de mim presente!,
Seu peito por amor tão magoado!*

*Passado tempo em árvore subido
Ali seus belos braços alargou,
E preso a eles o Pastor se ficou,
Seu peito por amor muito dolorido.*

OUTRAS COPLAS AO DIVINO

*Atrás de amoroso lance,
Que não de esperança falto,
Voei tão alto, tão alto,
Que, à caça, lhe dei alcance.*

Para que eu alcance desse
Àquele lance divino,
Voar tanto foi preciso
Que de vista me perdesse;
E, contudo, neste transe
A meio do voo quedei falto;
Mas o amor foi tão alto,
Que lhe dei, à caça, alcance.

Quando mais alto subia
Deslumbrou-se-me a visão,
E a mais forte conquista
Se fazia em escuridão;
Mas por ser de amor o lance,
Dei um cego e escuro salto,
E fui tão alto, tão alto,
Que lhe dei, à caça, alcance.

Quanto mais alto chegava
Deste lance tão subido,
Tanto mais baixo e rendido
E abatido me encontrava;
Disse: Não haverá quem alcance;
E abati-me tanto, tanto,
Que fui tão alto, tão alto,
Que lhe dei, à caça, alcance.

Por uma estranha maneira
Mil voos passei de um só voo,
Porque a esperança do céu
Tanto alcança quanto espera;
Esperei só este lance
E em esperar não fui falto,
Pois fui tão alto, tão alto,
Que, à caça, lhe dei alcance.

GLOSA

*Sem arrimo e com arrimo,
Sem luz e às escuras vivendo,
Todo me vou consumindo.*

Minha alma está desprendida
De toda a coisa criada
E sobre si levantada,
Numa saborosa vida
Só em seu Deus arrimada.
Por isso já se verá
A coisa que mais estimo,
Que minha alma se vê já
Sem arrimo e com arrimo.

E, embora trevas padeço
Em esta vida mortal,
Não é tão grande o meu mal,
Porque, se de luz careço,
Tenho vida celestial;
Porque o amor dá tal vida,
Quanto mais cego vai sendo,
Que tem a alma rendida,
Sem luz e às escuras vivendo.

Faz obra tal o amor
Depois que o conheci,
Que se há bem ou mal em mim,
Tudo faz de um só sabor,
E à alma transforma em si;
E assim sua chama saborosa,
A qual em mim estou sentindo,
Apresta sem restar coisa,
Todo me vou consumindo.

GLOSA AO DIVINO

*Por toda a formosura
Nunca eu me perderei,
Mas sim por um não sei quê
Que se alcança por ventura.*

Sabor de bem que é finito,
Ao mais que pode chegar
É cansar o apetite
E estragar o paladar;
E assim por toda a doçura
Nunca eu me perderei,
Mas sim por um não sei quê
Que se acha por ventura.

Não vos cause espanto isto,
Que o gosto se torne tal,
Porque é a causa do mal
Alheia de todo o resto;
E assim toda a criatura
Alienada se vê,
E gosta um não sei quê
Que se acha por ventura.

É porque estando a vontade
De Divindade tocada,
Não pode ficar pagada
A não ser com Divindade;
Mas porque esta formosura
Somente se vê por fé,
Saboreia um não sei quê
Que se acha por ventura.

Assim de tal namorado
Dizei-me se tendes dor,
Pois que ele não tem sabor

Entre tudo o que é criado;
Só, sem forma e sem figura,
Sem achar arrimo e pé,
Gostando lá não sei quê
Que se acha por ventura.

Não penseis que o interior,
Que é de muito mais valia,
Acha gozo e alegria
No que cá produz sabor;
Mas sobre toda a formosura
E o que foi, será e é,
Gosta de lá um não sei quê
Que se acha por ventura.

Mais emprega seu cuidado,
Quem se quer avantajado,
No que ainda está por ganhar
Que no que já tem ganhado;
E assim, para mais altura,
Eu sempre me inclinarei
Sobretudo a um não sei quê
Que se acha por ventura.

Pelo que pelo sentido
Se pode cá compreender
E quanto se pode entender,
Seja embora muito subido
Nem por graça e formosura
Eu nunca me perderei,
Mas sim por um não sei quê
Que se acha por ventura.

Finis

LETRAS

*Do Verbo divino
A Virgem prenhada
Segue de caminho:
Pede-vos pousada.*

Suma da perfeição

*Olvido do que é criado,
Memória do Criador,
Atenção ao interior
E estar amando o Amado.*

As Obras Completas de Santa Teresa e de S. João da Cruz,
que seguimos, estão publicadas em Portugal pelas *Edições
Carmelo*.

JOSÉ MARIA ALVES

<http://www.josemariaalves.blogspot.pt/>

(BLOGUE PESSOAL)

LIVROS ONLINE

http://www.homeoesp.org/livros_online.html